

ISSN 2238-6335

Revista da Universidade Ibirapuera

Volume 27 - Janeiro/Junho 2024

Revista da Universidade Ibirapuera

Reitor

Prof. José Campos de Andrade Filho

Prof.^a Monica Sakai, McGill University Health Centre

Diretor Acadêmico

Prof. Alan Almario

Prof.^a Patrícia Rangel, Faculdades Integradas Rio Branco

Diretor Científico

Prof. José Eduardo Razuk

Prof.^a Viviane Ferraz de Paula, Instituto de Parasitologia y Biomedicina "Lopez-Neyra"

Prof. Wanderley Moreno Quinteiro Filho, University of Guelph

Editora-Chefe

Prof.^a Camila Soares

COMITÊ EDITORIAL (UNIVERSIDADE IBIRAPUERA)

Prof. Alan Almario

Prof.^a Camila Soares

Prof.^a Eneida Yuri Suda

Prof. Guilherme Teixeira Coelho Terra

Prof. Marco Paulo Andrade de Oliveira

Prof.^a Mariuldes Fernandes

Prof.^a Silvana Nunes Silva

Prof.^a Viviane Nogueira de Moraes Danieleski

EQUIPE TÉCNICA

Prof.^a Ketty Leine Martins - Administração do SEER

Sra. Wilka Santos Silva, Bibliotecário - (CRB-89340)

ÁREAS DE INTERESSE DA REVISTA

Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Linguística, Letras e Artes

CONSULTORES CIENTÍFICOS

Prof. Alison Ribeiro, Departamento de Farmacologia e Toxicologia, Chiesi Farmaceutici SpA, Unidade de Farmacologia In Vivo

Prof.^a Carina Uliam, Universidade Federal de São Paulo - Unifesp

Prof.^a Clara Albani, Covagen AG, Grupo de Assay Development

Prof. Cleber Vanderlei Rohrer, SENAC/SP

Sumário

5

Editorial

Prof. Alan Almario

7

Vozes do rádio: análise das emoções a partir das teorias da semiótica greimasiana

Prof^a Camila Soares

20

A atuação do enfermeiro com pacientes em fase terminal

Marise da Silva Pereira, Sheila de Almeida Martins, Prof^a Silvana Nunes da Silva

31

A formação do profissional corretor de imóveis nos níveis médio e superior: uma abordagem comparativa

Prof. Marco Paulo Andrade de Oliveira, Prof^a Camila Soares, Prof. Alan Almario

38

A relação entre Harry Potter, contos maravilhosos e a formação de leitores

Prof^a Elisa Binelli, Prof. Eugênio Alves de Oliveira, Prof. José Eduardo P. Razuk

45

Instruções para autores

Editorial

Caros leitores,

É com grande satisfação que apresentamos a vocês a edição número 23 da Revista da Universidade Ibirapuera. Nesta ocasião especial, estamos celebrando o conhecimento científico e seu impacto em nossa comunidade acadêmica e além.

Ao longo dos anos, a Revista da Universidade Ibirapuera tem se destacado como uma plataforma de destaque para a disseminação do conhecimento científico e acadêmico. Nesta edição, estamos entusiasmados em compartilhar com vocês seis artigos científicos de alta qualidade, abrangendo diversas áreas do saber.

Os artigos selecionados passaram por um rigoroso processo de revisão por pares, no qual especialistas avaliaram sua relevância, rigor metodológico e contribuição para o avanço do conhecimento em suas respectivas áreas. Acreditamos que esses artigos representam o esforço de nossos pesquisadores em trazer soluções inovadoras e respostas às questões mais prementes de nossa sociedade.

Nesta edição, buscamos oferecer uma gama diversificada de tópicos, refletindo a amplitude do conhecimento produzido em nossa universidade. Acreditamos que esses artigos despertarão seu interesse e estimularão novas reflexões e descobertas.

Agradecemos a todos os autores por seu empenho e dedicação na produção desses artigos. Seu trabalho contribui significativamente para o avanço do conhecimento e para a construção de uma sociedade mais informada e preparada para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Por fim, gostaríamos de expressar nossa gratidão a todos os leitores e apoiadores da Revista da Universidade Ibirapuera. É por meio do seu apoio contínuo que podemos continuar a oferecer uma plataforma de excelência para a disseminação do conhecimento científico.

Desejamos a vocês uma leitura inspiradora e enriquecedora. Que esta edição da Revista da Universidade Ibirapuera seja mais um passo em direção à expansão do conhecimento e ao fortalecimento de nossa comunidade acadêmica.

Prof. Alan Almario
Diretor Acadêmico

Artigos científicos /
Scientific articles

Vozes do rádio: análise das emoções a partir das teorias da semiótica greimasiana

Camila Soares

Universidade Ibirapuera

Av. Interlagos, 1329 – São Paulo – SP

camila.soares@ibirapuera.edu.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar os laços que prendem as atenções dos ouvintes em programas românticos de rádio. A pesquisa, realizada a partir do programa Paixão Nativa, da Rádio Nativa FM, de São Paulo, pretende mostrar que as funções do rádio ultrapassam as funções iniciais de apenas meios de comunicação e entretenimento. A partir das teorias da semiótica greimasiana serão analisadas as engrenagens e traços que reproduzidos diariamente através de sistemas simbólicos, vinculam-se à memória e às emoções, criando classes de manipulação em um contingente importante da sociedade brasileira: a audiência do rádio, classes “C” e “D”.

Palavras chaves: Semiótica Greimasiana, Rádio, Romance

Abstract

This paper aims to explain which are the bonds that hold the attention of listeners in romantic radio programs. The survey, conducted from the program Native Passion, from Native FM Radio São Paulo, aims to show that radio functions beyond the initial capabilities of just media and entertainment. From ingeniously constructions, the radio is able to transform messages into “facts” in “truths” accepted, which together propel listeners to certain beliefs and actions. The functioning mechanisms of ideological conquest of an important contingent of Brazilian society will be examined: the radio audience, classes “C” and “D”.

Keywords: Greimas Semiotics, Radio, Romance

1. Introdução

Desde 1923, quando foi inaugurada oficialmente a primeira emissora de rádio do Brasil – a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro – que o empreendimento de Roquette Pinto tem crescido no país. A cadeia de emissoras a partir de então, chega ao século XXI em seu apogeu e demonstrando que, mesmo com o surgimento da televisão, em 1950, continua um veículo de massa dinâmico e atuante. O Brasil é o segundo país do mundo em número de emissoras de rádio: são mais de três mil emissoras espalhadas em todos os estados brasileiros, perdendo apenas para os Estados Unidos, com cerca de oito mil rádios. Em terceiro lugar está a Inglaterra, com algo em torno de setecentas emissoras. Esses números ajudam a perceber a importância do rádio nos dias atuais, já que, por ser uma tecnologia da informação, este ainda mantém a sua credibilidade e, acima de tudo, é uma valiosa fonte que transmite informação e entretenimento simultaneamente.

Há basicamente seis gêneros no rádio: musical, variedades ou entretenimento, popular, informativo, esportivo e humorístico. Os formatos em rádio foram se desenvolvendo à medida em que surgiram os gêneros. Cada um deles deu vida ao seu próprio formato a partir do seu público alvo. Dentro do gênero popular existe a linha romântica. Nesse sentido, pode-se dizer que o romantismo em rádio data de 1941. Em 12 de julho começa a transmissão da primeira rádio novela do País, apresentada durante cerca de três anos, pela PRE-8, Rádio Nacional do RJ. Era a novela “Em Busca da Felicidade”. A seguir foi a vez de “O Direito de Nascer”.

Entre as principais características do rádio estão: é um veículo cuja recepção da mensagem se dá por meio de ondas hertzianas; ocorre através de um aparelho portátil, de baixo custo e, finalmente pode estar ao alcance de todos e em qualquer lugar. A depender da natureza da frequência, quais sejam AM (Amplitude Modulada) ou FM (Frequência Modulada), possui uma programação diversificada que inclui música, notícia, plantões jornalísticos, participação do ouvinte etc. Nas

emissoras AM, ainda observamos a variedade de programas, tanto musicais quanto jornalísticos, em oposição ao que se observa nas FMs, em cujas programações a música tem maior destaque. A linguagem radiofônica obedece a critérios que vão desde a concisão, exatidão, objetividade, “simplicidade”. Tais critérios exigem o uso correto da língua portuguesa para que se alcancem os objetivos pretendidos de comunicar e persuadir aos ouvintes. Portanto, será realizada aqui uma tentativa de perceber como é criada esta proximidade a partir dos programas de rádio românticos mais conhecidos como “love songs”. É uma sofisticada engrenagem que transmite valores por meio de operações racionais, passionais e sensoriais.

No processo que envolve a comunicação popular, mais importante que a produção que se faz a partir do uso dos meios são as relações que os sujeitos / ouvintes sociais estabelecem nesse processo de construção. O diálogo, o comunicar, o discurso, as formas de participação, a inclusão dos elementos e a valorização das identidades e culturas são elementos significativos e expressivos nesse processo.

O presente trabalho contará com um corpus de programas de rádio da emissora Nativa FM, líder de audiência na cidade de São Paulo e líder também de audiência em programas românticos. O corpus desta análise será composto por um trecho do programa Paixão Nativa, apresentado pelo jornalista e locutor Vinícius França.

2. SEMIÓTICA GREIMASIANA

A teoria semiótica atual desenvolveu-se a partir do estruturalismo dos anos 60 com os estudos de A.J. Greimas. A semiótica de origem francesa é uma das teorias que mais têm se preocupado, por exemplo, com a produção de sentido em objetos que unem várias “linguagens” de manifestação, com questões ligadas às estratégias que apelam à emoção e aos aspectos sensíveis dos textos.

Neste contexto, a preocupação deste trabalho será explicitar, sob a forma de uma construção conceitual, “as condições da apreensão e da produção do sentido”. (GREIMAS

& COURTÉS, 1989, p. 415). Dessa forma, o trabalho tentará desenhar alguns traços análogos e intrínsecos existentes entre Semiótica e Comunicação, propiciando um diálogo entre esses importantes conceitos.

Diana Luz Pessoa de Barros afirma que a semiótica “procura descrever o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz (1997: 7)”. Texto, nessa perspectiva, é qualquer “todo de sentido” que possui uma estrutura analisável que faz um objeto de significação.

Um texto também se caracteriza por ser um objeto de comunicação. Isso significa que o sentido também é produto de práticas sociais, dentro de um tempo e espaço determinados. Esta apresentação pretende apontar o que um texto diz e como faz para dizer o que diz. Interessa também mostrar como atrai a atenção para o que diz.

O percurso narrativo de sentido preconizado por Greimas também oferece uma importante noção de como as manipulações por sedução (fazer querer-fazer), provocação (fazer dever-fazer), tentação (fazer querer-fazer), intimidação (fazer dever-fazer) acontecem e influenciam sobremaneira o receptor diante da cultura midiática na contemporaneidade.

3. PONTO DE VISTA SEMIÓTICO SOBRE A COMUNICAÇÃO

Os semioticistas discordam da ideia de que a relação entre autor e leitor, ouvinte, telespectador ou internauta é de mera transmissão de informações. Diana Luz Pessoa de Barros lembra que os antigos modelos lineares de comunicação – os que tratam da transmissão de mensagem de um emissor para um receptor – foram repensados por outros autores na forma de um sistema de interações (2003: 42).

Na comunicação, os participantes se constroem e constroem, juntos, o texto. O ato de comunicar, por exemplo, impõe a existência de simulacros. Grosso modo, um autor leva em consideração as expectativas e as prováveis reações de quem vai receber o texto para construir um discurso com a eficiência desejada.

Para Barros, “é preciso, assim, rever as noções e as denominações de ‘emissor’ e de ‘receptor’ da comunicação. (...) Os sujeitos da comunicação não podem mais ser pensados como casas ou caixas vazias de emissão e de recepção de mensagens. Os sujeitos da comunicação devem ser considerados, em primeiro lugar, como sujeitos competentes, ou seja, o destinador e o destinatário (termos menos restritivos e, portanto, mais adequados do que emissor e receptor) têm de ter certas qualidades que permitam que eles se comuniquem” (idem: 48). Há duas qualidades ou competências que possibilitam a existência da comunicação:

1- A primeira competência é chamada modal e inclui o querer ou o dever, o saber e o poder realizar a comunicação. Barros, a partir de Greimas e Courtés (1983:69), lembra novamente que a comunicação como ato não pode ser entendida como um simples fazer-saber do destinador e um adquirir saber do destinatário. Pesquisas têm mostrado que “para apreender o saber é necessário que o destinatário queira fazê-lo. Isso nos obriga a pensar na comunicação, ou melhor, no fazer comunicativo do destinador não apenas como um fazer-saber, mas principalmente como um fazer-creer e um fazer-fazer, e no fazer comunicativo do destinatário essencialmente como um interpretar. A comunicação confunde-se, dessa forma, com a manipulação e têm ambas a mesma estrutura” (2003: 48).

2- A segunda competência é a semântica, com a partilha, entre destinador e destinatário, de valores e projetos em comum - Para a manipulação funcionar, é necessário, entre outros aspectos, que os sujeitos partilhem de um mesmo sistema de valores. Qualquer destinatário dos programas de rádio, aqui, em especial os românticos, diante do fazer persuasivo dos radialistas, realiza um fazer receptivo ou interpretativo, ou seja, (...) “uma operação de reconhecimento da verdade, que consiste em comparar e identificar o que lhe é apresentado pelo sujeito do fazer persuasivo com o que ele já sabe ou com aquilo em que crê. Trata-se de verificar a adequação do novo e desconhecido ao velho e já sabido. (...) Interpretar, para o sujeito é, por excelência, confrontar a proposta recebida com o seu universo do saber e do creer, com sistemas de valores que atribuem sentido aos fazeres e aos estados” (Barros: 2001:58).

4. MÚSICA E MÚSICA POPULAR – CONTORNO E MOVIMENTO

Desde os primórdios da humanidade, a música é representada pela natureza do som em durações, alturas, timbres e intensidades nos mais variados níveis rítmicos. Podemos dizer até que o homem primitivo já pensava musicalmente pelas ondas do mar, pelos cantos dos pássaros, pelos rituais de tambores e, mas principalmente, pela modulação da própria voz humana. A música popular brasileira também é uma forma de comunicação. É um gênero que exige uma tripla competência: verbal, musical e lítero-musical, sendo esta última capaz de articular as duas linguagens. Especificando a definição, Nelson Barros da Costa afirma que canção é uma peça verbo-melódica breve, de veiculação vocal. (Gêneros Textuais e Ensino, 2006. p 108).

Segundo o compositor e linguista Luiz Tatit (Tatit, 1996), uma canção é uma fala camuflada em maior ou menor grau. Essa camuflagem consiste na transformação dos contornos entonacionais da fala pela estabilização do movimento frequencial de sua entonação dentro de um percurso harmônico, pela regulação de sua pulsação e pela periodização de seus acentos rítmicos.

A música brasileira se caracteriza, segundo o autor, de forma eficaz, realizando o malabarismo que equilibra o canto e a fala. O primeiro confere à segunda imortalidade, salva-a de sua condição periclitante de “ondas agitadas de ar”. Não apenas isso, mas lhe oferece um “emprego estável”, estruturando-o, regulando e o estabilizando. A voz, por sua vez, dá corpo à melodia. E, se essa voz é a voz da fala, o canto ganha contornos de coloquialidade altamente persuasivos. Wisnik explica que a convergência das palavras e da música na canção cria o lugar onde se embala um ego difuso, irradiado por todos os pontos e intensidades da voz, como de um alguém que não está em nenhum lugar ou num lugar onde “não há pecado nem perdão”. Dali é que as canções absorvem frações do momento histórico, os gestos e o imaginário, pulsões latentes e as contradições, das quais ficam impregnadas e que poderão ser moduladas em novos momentos, por novas interpretações. (WISNIK, 1999, p.199).

A Comunicação, então, por natureza, possui estreita relação com as Ciências da Linguagem. Assim, ela se insere perfeitamente nos estudos semióticos, já que esses observam os níveis da significação, tanto de textos verbais quanto não verbais e sincréticos, exercendo importante papel nas pesquisas em Comunicação. Por outro lado, a música desempenha papel relevante entre os meios de comunicação, principalmente no que concernem à maneira de expressar o conteúdo e a expressão de suas letras, melodias e ritmos.

As estratégias persuasivas utilizadas pelo destinatário-enunciador vão determinar as características específicas dessas canções. No caso da música romântica oferecida de um ouvinte a outro, a partir de sua identificação com a história que a música conta, são invocados os conteúdos afetivos para despertar a confiança do destinatário. A combinação desses conteúdos linguísticos com o componente musical determina a escolha do enunciador pela estratégia persuasiva da passionalização, que pode ser observada nos seguintes aspectos:

- o campo explorado pela melodia é expandido, criando um espaço para o aumento de tensão;
- as grandes curvas melódicas revelam as oscilações entre o registro grave e o agudo.

Assim, pode-se explicar o papel manipulador que o rádio exerce nas pessoas através da mensagem persuasiva presente na linguagem musical atual e as propriedades capazes de alterar o funcionamento psicológico do indivíduo de tal forma que ele reaja francamente em direção ao produto, objeto da persuasão.

5. A ESCRITA E A VOZ

Existem diferentes tipos de emissoras: jornalísticas, musicais, populares, educativas, religiosas e as chamadas jovens ou adultas. Há também as segmentadas: em classes sociais, em faixas etárias, e ainda as dedicadas a determinados gêneros musicais. Muitas delas unem vários desses tópicos em um só.

O corpus delimitado para esta análise é a emissora Nativa (FM 95,3) localizada na cidade de São Paulo. A rádio tem como características: é musical, possui uma audiência maior nas classes sociais C e D, é focada em gêneros populares, como samba, pagode, axé, sertanejo, um pouco de pop-rock comercial e de músicas românticas. Acerca do conceito sobre Comunicação, Greimas (1989, p. 67) aponta dois eixos básicos no que concerne às atividades humanas “o da ação sobre as coisas, pela qual o homem transforma a natureza - é o eixo da produção - , e o da ação sobre os outros homens, criadora das relações intersubjetivas, fundadoras da sociedade – é o eixo da comunicação”. E acrescenta:

“Se a linguagem é comunicação, é também produção de sentido, de significação. Não se reduz à mera transmissão de um saber sobre o eixo ‘eu/tu’, como poderia afirmar certo funcionalismo; complementarmente, ela se desenvolve, por assim dizer, para si mesma, para aquilo que ela é, possuindo uma organização interna própria”. (GREIMAS 1989, p. 67).

O percurso narrativo de sentido preconizado por Greimas também oferece uma importante noção de como as manipulações por sedução (fazer querer- fazer), provocação (fazer dever-fazer), tentação (fazer querer-fazer), intimidação (fazer dever-fazer) acontecem e influenciam o receptor diante da cultura midiática moderna. Assim, a semiótica greimasiana observa os discursos midiáticos sob olhares fixos na enunciação. Também se ocupa em descobrir como a força manipuladora da mensagem transmitida pode transformar pensamentos, atitudes e até culturas inteiras.

As grandes emissoras de rádio, por exemplo, conseguem seduzir o ouvinte a um “querer” ouvir os programas. Os programas românticos, por sua vez, realizam uma manipulação por sedução, por oferecer palavras sedutoras e (ou) de fascinante impacto ao ouvinte. Desta forma, do “querer” ouvir à programação, o indivíduo passa ao “dever” continuar a ouvi-lo. Ao elaborar o esquema narrativo em cada discurso colocado pela mídia rádio, com certeza seria explicitado como se realiza o “sentido da vida” idealizado por Greimas:

Com efeito, o esquema narrativo constitui como que um quadro em que vem se inscrever o “sentido da vida” com suas três instâncias: a qualificação do sujeito, que o introduz na vida; sua “realização” por algo que “faz”; enfim, a sanção – ao mesmo tempo retribuição e reconhecimento – que garante, sozinha, o sentido de seus atos e o instaura como sujeito segundo o ser. Esse esquema suficientemente geral para autorizar todas as variações sobre o tema: considerado num nível mais abstrato e decomposto em percursos, ajuda a articular e a interpretar diferentes tipos de atividades, tanto cognitivas quanto pragmáticas. (GREIMAS, A. J. & COURTÉS, 1989, p. 297-298).

5. A CONSTRUÇÃO DA PAIXÃO RADIOFÔNICA

No universo radiofônico a palavra ganha expressão com a fonação e interpretação na voz do comunicador. Ele não apenas lê e interpreta o conteúdo das mensagens escritas, como também, comenta e analisa. O processo gera no ouvinte a sensação de que está participando de um diálogo, apesar de não poder responder diretamente a quem lhe fala. Essa incompletude provoca em quem ouve a complementar o diálogo com sua imaginação. Através da palavra, que fala em particular, o ouvinte comporta sensações, emoções e relações afetivas. Neste movimento de interação, César explica que o locutor manipula a opinião do grupo que o escuta e ressalta:

“o ouvinte acredita no que você fala, portanto, seja claro, lógico, consciente razoável e responsável. Quando você leva em conta esses detalhes, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um”. (CÉSAR, 1990:57).

O texto analisado se propõe a cativar o ouvinte através dos vários percursos figurativos que concretizam, no discurso sincrético, o tema amor-paixão. O programa é iniciado com um BG (música de fundo) romântico para sugerir temas como paixão, amor e tranquilidade por sua melodia calma. Então o locutor dá início ao programa, ao percurso temático e

figurativo do amor romântico em que as palavras correspondem a atitudes românticas.

“Começa agora um pedaço do programa que eu gosto muito. Essa é a hora em que alguém fala do amor de uma vida e escolhe uma música. Música que traduz o que realmente importa: o amor. Além de escolher uma música, quem participa ganha uma diária para o Motel Belle.”

Com base em um pedido de música feito por uma ouvinte que lembrava um amor, o locutor deu início ao discurso:

Até à meia-noite nós vamos falar sobre como é gostoso ouvir um eu te amo não to falando de quantas vezes você disse eu te amo, mas eu tô pedindo pra você lembrar. Com jeitinho, com cuidado, das vezes que alguém te disse eu te amo pela primeira vez e como isso mexeu com você. Quais foram as sensações, eu sei que elas não foram iguais mas é pra voltar e lembrar que cada uma dessas vezes significou pra você e o que mudou na sua vida.

Inserção de músicas

Paixão Nativa. Sempre um pedacinho da sua vida, dos seus amores, da sua história. Tava falando com você sobre lembrar um pouquinho da vez ou das vezes que uma pessoa que você conhece, você sabe quem é, falou pra você ‘eu te amo’ ou fez uma declaração de primeira, assim.

A gente escuta ‘eu te amo’ muitas vezes na vida, mas tem certas fases da vida, tem certas pessoas geralmente nesse primeiro momento que marcam de uma maneira impressionante.

Eu tava lembrando aqui de uma vez que eu ouvi um ‘eu te amo’ e que foi a primeira vez que eu senti o que se chama de frio na barriga. E eu nunca mais esqueci esse frio na barriga. Foi a primeira e única vez. Eu não esperava. Lembrei de uma outra vez que era tão ines-

perado que eu acabei namorando a pessoa porque... porque ela realmente gostava. Engraçado. Pauta nisso. Lembra de como as coisas são pra você. Como a expressão eu te amo te pegou em cada uma das vezes que você teve uma relação.

No estudo da relação entre enunciadores e enunciatários dos programas, um caso especial de “contrato de verossimilhança”, é possível analisar a construção do discurso radiofônico romântico, desvendando a metalinguagem dos programas. Na isotopia do amor romântico, há um destaque para os clichês, extremamente conhecidos e explorados na práxis discursiva de radialistas e redatores do mundo ocidental.

Na memória discursiva, os programas de rádio românticos representam o ideal romântico: o amor à primeira vista, com música e dança ao luar, os erros no caminho até que o grande amor apareça, as loucuras feitas em nome desse amor.

Todos esses clichês constroem a linguagem dos programas Paixão Nativa e Hora Mais Paixão Nativa, com vários percursos figurativos concretizando, no discurso sincrético, o tema do amor-paixão, idealizado nas ondas do rádio. Vale lembrar que cada provável ouvinte (como “enunciatário” do texto) vai reagir de maneira diferente a essas estratégias (entendida aqui como o “enunciador”).

Na semiótica de Greimas, “o enunciador propõe um contrato, que estipula como o enunciatário deve interpretar a verdade do discurso; (...) o reconhecimento do dizer-verdadeiro liga-se a uma série de contratos anteriores, próprios de uma cultura, de uma formação ideológica e da concepção, por exemplo, dentro de um sistema de valores, de discurso e seus tipos. (...) A interpretação depende, assim, da aceitação do contrato fiduciário e, sem dúvida, da persuasão do enunciador, para que o enunciatário encontre as marcas do discurso e as compare com seus conhecimentos e convicções” (Barros, 1988, p.94). Um contrato fiduciário é um contrato de “fé”, não

um contrato de papel. Seus discursos são “sentidos como verdade” por seus milhões de ouvintes, daí a razão de seu poder persuasivo. Percebe-se que a persuasão por construção de identidade e valores da Rádio Nativa é muito abrangente e utiliza toda a carga de grandes recursos manipulativos: o ouvinte recebe tanto sanções pragmáticas (prazer de ouvir música e mensagens) quanto cognitivas, como uma imagem melhor de si mesmo para os outros.

Há outro ponto interessante. Os programas passam a mensagem que, para pertencer a um grupo, é preciso conquistar determinados “prêmios”. Possuir um grande amor, amar, ser compreendido, deve ser interpretado pelo ouvinte com a sua própria identidade. Ao viver um grande amor, ou mesmo esperar por esse grande amor, ele está se portando como alguém que, como sujeito, se constrói em relação aos seus objetos. É o clássico “ter” para “ser”.

Ainda na concepção ocidental, o som sempre teve algo de misterioso, onipresente. O som, como uma paixão, não se rende facilmente a um raciocínio acostumado com coisas, locais e configurações estáveis. É livre e pode agir como e quando quiser. (Essa é a hora em que alguém fala do amor de uma vida e escolhe uma música / Música que traduz o que realmente importa: o amor). (O tamanho da minha paixão não dá pra ser medida / Não sei de onde vem tanta paixão / Procuro estar com você nem que seja em pensamento).

O texto também apresenta sutilezas inerentes às relações amorosas. São essas sutilezas que, por tantas vezes, conferem às relações passionais um caráter diferente. A respeito do tema, nota-se que ele possui uma presença marcante, talvez dominante, de relações argumentativas muito particulares entre enunciador e enunciatário. De fato, parece que um dos sentidos do texto emerge da relação de manipulação entre esses dois actantes, quando o primeiro (locutor) afirma valores de verdade tidos como necessários para o segundo (ouvinte). (Eu tava lembrando aqui de uma vez que eu ouvi um ‘eu te amo - eu tô pedindo pra você lembrar. Com jeitinho, com cuidado, das vezes que alguém te disse eu te amo pela primeira vez e como isso mexeu com você). (A maior e mais verdadeira prova de amor está no trato diário de aprender a conviver com alguém).

O discurso romântico é caracterizado pela linguagem carregada de apelos à emoção. A estética romântica está relacionada a casos de amor, imposição do eu, o sentimento exacerbado e vocábulos semânticos que se ligam ao léxico do Romantismo (amor de uma vida, mexeu com você, marcam de maneira impressionante – Eu tava lembrando...senti um frio na barriga). (Te amo além da eternidade / É maravilhoso / Todas as noites que acordo, acordo pensando em você / com toda a força da minha paixão).

Os programas se assentam nas oposições semânticas sonho vs realidade, da felicidade vs infelicidade, do ideal do amor vivido vs solidão e da companhia vs solidão. Partindo de tais oposições semânticas o sonho, a felicidade, o ideal e a companhia são eufóricas e a realidade a infelicidade e a solidão são disfóricas. O programa apresenta o sujeito amor em disjunção com a solidão com a falta de conquista, com a infelicidade e a conjunção com o ideal de felicidade, o único ideal que garante uma vida tranquila e com metas alcançadas: a partir de uma música de notas suaves, de um texto que relata uma vivência, citado por uma voz macia, intrigante, penetrante, sonhadora, que acalma e acalenta revalidando a amor, a doçura. (Sensação de proteção, de valor do ouvinte).

Passa ser uma fonte de valores, operando, assim, uma transformação no ouvinte com o propósito de inculcar nele a eficiência, a importância, o conhecimento que o locutor tem da história dessa pessoa. Apesar de ser um programa dirigido a milhares de pessoas, é passado o valor do individual, do particular.

O uso constante das palavras AMOR, PAIXÃO, FELIZ, COMPANHEIRA são fatores que fazem o programa permanecer na memória do ouvinte graças as palavras que se fundem às técnicas de produção para uma apresentação sonora de sensações, levantando temas como segurança, tranquilidade, companhia, idealização e certeza de estar sendo compreendido. O enunciador, dotado de um fazer persuasivo tece o discurso informativo e adquire valores de base: querer, dever, saber e poder, capazes de convencer seu enunciatário e predispor-lo ao fazer-creer, levá-lo a acreditar na veracidade dos ideais e na confiabilidade do programa.

Os sons executados no programa acentuam os traços sonoros. A cultura brasileira considera tais tons como românticos e, portanto, dotados de valores positivos que levantam valores de leveza, lembranças de momentos bons que foram vividos e que conferem ao programa o atributo de merecer sua atenção confiança e apego.

Pode-se dizer que o sujeito é competente e realizado, pois o destinador-manipulador através da manipulação por tentação, pois apresenta valores positivos (palavras amorosas e confiáveis, além de representar o próprio ouvinte) e por sedução (imagem positiva do destinatário). Apresenta imagens positivas (você que ama, você que lembra) e oferecem ao destinador-julgador um contrato de aceitação. O enunciatário acaba por sancionar positivamente e dar audiência. Essa estrutura contratual. Que envolve o fazer-criar, pode estar firmado também na dimensão passional (fazer-sentir) nas relações afetivas trabalhadas no programa, pois o enunciatário associa o texto o som e voz a estrutura contratual positiva.

Pode-se também pensar a tentação e a sedução por outro ângulo: o da manipulação da emissora. Por se tratar de um gênero sincrético (música, voz e texto) ao provocar certas emoções sensoriais e trabalhar a afetividade, o lado passional pode restringir a liberdade de escolha do enunciatário, e o faz aceitar o contrato proposto, pois como já foi sancionado positivamente, ele não questiona e o aceita, haja vista que, segundo Greimas, se um sujeito adquire valor, é porque outro foi dele privado ou se privado.

A desembreagem é enunciativa, pois se concentra no tempo do agora e no espaço do aqui, dando um efeito de proximidade e realidade e tais efeitos estão ancorados ao programa, aos textos, aos locutores, as músicas e aos demais quadro inseridos no programa. O objeto em que está investido o valor poder ser confiável, poder ser a melhor companhia que entende o ouvinte, poder falar do ideal de amor torna-se um discurso temático sobre a felicidade a partir de um grande amor, da segurança que ele traz, de não estar sozinho, o que realmente importa. Vários investimentos figurativos são usados para a mesma busca narrativa da felicidade. A voz macia que faz companhia que possui palavras doces e que

traduzem o necessário e essencial para uma vida plena e perfeita. Toda essa figuração leva o enunciatário a penetrar no mundo ideal, leva-o a fazer-criar algo, o que fundamenta todo o percurso de sua percepção.

Desse modo, a reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso asseguram a Paixão Nativa uma coerência semântica com tipo de programa de rádio estabelecido. As figuras presentes nas mensagens lidas pela Tati evidenciam a intenção de o destinador estabelecer um vínculo fiduciário com o destinatário, a fim de que este aceite seu discurso. O destinador, eu, entrega-se de corpo – meu coração, minha vida - e alma - meus sonhos -, pois tem consciência de que somente com uma entrega total - tudo enfim - ele poderá conquistar a confiança do destinatário e realizar o seu fazer persuasivo.

A estratégia persuasiva dominante nesses programas é a passionalização (Tatit, 1996: 22). No componente linguístico, é apresentado um relato das histórias amorosas vividas pelo sujeito, que resultaram em uma visão do amor como ideal de felicidade. Caracterizado por uma poética lírico-amorosa, que explora a sentimentalidade ao extremo, a mensagem romântica constitui um lugar privilegiado de manifestação da paixão. Saudade, carinho, felicidade são alguns dos temas que constituem o seu universo passional.

As composições desse gênero apresentam em suas letras uma narrativa que invariavelmente relata estados de paixão. Mas é possível considerar que vigora certo consenso cultural em que o amor aparece sempre como sinônimo de felicidade. O processo de comunicação estabelecido tem como finalidade transmitir um /saber/ do destinador: “amar é tudo na vida”; ou seja, é uma atribuição de valores cognitivos da parte dele para o destinatário. O estabelecimento de um contrato fiduciário, baseado na modalidade do /criar/, é fundamental para que a manipulação se efetue e o destinador possa, por meio de sua competência -/saber/ e /poder/-, interferir na competência do destinatário.

As estratégias persuasivas utilizadas pelo destinador-enunciador vão determinar as características específicas dessas canções. No caso da mensagem unida à música ro-

mântica oferecida de um ouvinte a outro e transmitidos pelos locutores, além do próprio locutor contar seus “segredos” mais íntimos (como no caso do texto do Vini França) são invocados os conteúdos afetivos para despertar a confiança do destinatário.

A união de textos, músicas e voz como valores modais de fidelidade, compreensão e confiança, demonstrando um saber-fazer e um poder-fazer - capacidade de compreender o ouvinte. O programa Paixão Nativa qualifica-se assim como um potencializador do fazer-creer do enunciatário, que passa então a associar ao programa aquilo que é positivo para viver a construção da verdadeira felicidade.

6. SEMÂNTICA DA PAIXÃO

Com a ajuda da Semântica Lexical é possível encontrar outras significações. A Polissemia, que consiste no fato de uma determinada palavra ou expressão adquirir um novo sentido, além de seu sentido original (do grego polissemia = muitas significações) nos ajuda a entender o texto.

A palavra marcar, presente nos textos possui muitas significações. Entre elas: pôr marca, etiqueta, número etc. em (algo), para identificação; fazer marca com ferrete; ferretear a pele, o couro de um animal; indicar (alguma coisa) com sinal distintivo para chamar atenção sobre esta ou para lembrar-se dela; assinalar; deixar sinal visível em; levar em conta; atentar para. Aqui, ela chega para lembrar também a simbologia, no sentido de causar marca, impressão nos sentimentos, no espírito, na maneira de ser. Há ainda uma ampliação de significado. Na palavra engraçado, que, muitas vezes representa algo cômico, chega para significar algo agradável, formoso e gracioso, assim como o amor e suas histórias.

Ao longo do texto há um notável e produtivo diálogo com o ouvinte, através da utilização do imperativo, ressaltando o elo de fidelidade, particularidade e amizade (Lembra de como as coisas são pra você / Quer falar da sua paixão / Eu te amo). As palavras no diminutivo aqui não têm conotação pejorativa, mas buscam trazer à tona afetividade e intensidade (Jeitinho / pedacinho / mansinho).

A partir da Semântica Formal, nota-se que a escolha por essas palavras busca um código em que o sentimento passa a ser expresso sem as amarras da razão, num tom nostálgico e confessional do texto que instigam o imaginário do leitor (A gente escuta eu te amo muitas vezes na vida, mas tem certas fases da vida / que marcam de uma maneira impressionante). (O amor é um jogo em que duas pessoas que estão jogando podem sair ganhando / Você só me faz bem/ Arranhei meu coração).

No texto, o “amor” é movido por ideais nobres e sentimentos sublimes. É um tempo para lembrar enredos sentimentais nos quais os amantes viveram ou vivem seus prazeres e ilusões. Nas palavras como as coisas são pra você / como a expressão te pegou explicita-se uma associação entre o presente e o passado. Através da música, do texto e da voz, são constituídos os veículos para toda lembrança, a ponto de esquecer todos os problemas do tempo presente e estar em uma outra dimensão e desejar o que quiser, tudo via pensamento. É pertinente observar a escolha da simbologia frio na barriga que, além de representar uma comunicação física, relaciona-se inevitavelmente à emoção.

Nesse mesmo campo das emoções, o amor é expresso como uma intensa e ardente vontade de estar com o outro e conduzir sua vida com aquela pessoa. Aqui, a emoção do amor chega para refletir os legados culturais, as características de personalidade individuais e os determinantes de um contexto social específico. (Juntos, caminhando na mesma direção, poderemos fazer um futuro diferente / espero ficar ao seu lado por muitos e muitos anos).

O amor cria uma idealização. Promete ao indivíduo o reconhecimento pleno de sua singularidade, incluídas aí todas as dimensões e particularidades. Por isso mesmo, o discurso romântico reivindica e absorve as pessoas de forma total, fazendo com que outras referências do entorno social percam sua importância. (Essa é a hora em que alguém fala do amor de uma vida e escolhe uma música. Música que traduz o que realmente importa: o amor). (Você tomou conta do meu coração, da minha vida / cada minuto ao seu lado é tudo pra mim).

O processo de constituição histórica do ideal de amor na cultura brasileira aparece como uma síntese dos ideais de amor, incluídos aí o amor platônico, a paixão, a sedução e o erotismo. Nas sociedades contemporâneas, “o ideal romântico” mantém uma enorme importância, constituindo ainda matriz de referência relevante para escolhas e comportamentos individuais. Hoje, o amor, além de significar paixão e afeição emocional, representa o matrimônio e, frequentemente, os planos de constituição de uma família.

Não há como desprezar aqui os conceitos de amor e paixão. Pertencentes a semânticas diferentes, eles continuam a desempenhar um papel importante na vida da sociedade. Preenchendo o imaginário das pessoas, são pré-requisitos de uma vida de sucesso, alimentados desde a infância pelos contos de fadas até à vida adulta pela sociedade e pelos meios de comunicação. Dizer “eu te amo” possui um significado comprometedor (ou pelo menos deveria ser) do que um “estou apaixonado por você”. Por essa razão, as frases desembocam em duas interpretações diferentes para quem as ouve e recebe. Por essa razão causa sensações positivas no indivíduo. O reconhecimento implícito da diferença reside precisamente no recurso linguístico que cada frase utiliza. (...alguém te disse eu te amo pela primeira vez e como isso mexeu com você / Quais foram as sensações, eu sei que elas não foram iguais mas é pra voltar e lembrar que cada uma dessas vezes significou pra você e o que mudou na sua vida). (seu amor é tudo pra mim / Eu te amo e a música que revela minha paixão).

No inglês existe o “I love you”, mas também o “I'm in love with you”. O primeiro é conhecido na cultura brasileira -, enquanto o segundo declara algo como “estou em amor por você”, normalmente traduzido para “estou apaixonado por você”. No alemão mantém-se a regra. O mais conhecido é “Ich liebe Dich” (eu te amo), exatamente da mesma forma que a língua inglesa, conservando também a separação entre amor e paixão.

Nesses idiomas é possível encontrar uma resposta: existem formas diferentes de se declarar o amor ou a paixão e, como visto, uma dessas formas é mais profunda do que a outra, afirmando um sentimento mais intenso e outro nem

tanto. A própria língua mostra a diferença entre amar e estar apaixonado, e um estudo mais aprofundado destas propriedades linguísticas são úteis na compreensão destes dois conceitos, tão próximos e ao mesmo tempo tão diferentes. A ideia que fica deste exame é que “amor” designa algo mais sólido e calmo do que a “paixão”, sua equivalente mais intensa e fugaz. A palavra paixão, antigamente, indicava qualquer emoção profunda, positiva ou negativa (daí a Paixão de Cristo); em dias atuais, o termo paixão indica emoção profunda e positiva.

No texto, os autores unem o sentimento da paixão na palavra amor para sustentar os prazeres que causam as sensações da paixão com a segurança que causa a sensação do amor. (vamos falar sobre como é gostoso ouvir um eu te amo - uma pessoa que você conhece, você sabe quem é, falou pra você eu te amo ou fez uma declaração de primeira, assim - A gente escuta ‘eu te amo’ muitas vezes na vida, mas tem certas fases da vida, tem certas pessoas geralmente nesse primeiro momento que marcam de uma maneira impressionante).

A correspondência entre voz, texto e música, além da participação do ouvinte é a estratégia enunciativa fundamental do discurso sincrético no rádio, responsável pelo envolvimento emocional do ouvinte. No caso do programa em análise, a isotopia global é a do amor romântico, que permeia o programa do começo ao fim, nas histórias de paixões “vivenciadas” pelos ouvintes e pelo locutor. Para o ouvinte, trata-se de um discurso metalinguístico mostrando as principais isotopias figurativas das mais belas histórias de amor. Nessa práxis enunciativa, o contrato de verificação entre produtores e ouvintes se define pelo vivenciar das emoções despertadas pelo sincretismo do discurso, com cada ouvinte se sentindo o próprio herói ou heroína da história.

No estudo da relação entre enunciadores e enunciatários do programa, um caso especial de “contrato de verossimilhança”, próprio da enunciação artística, pode-se analisar a construção do discurso romântico ao longo da história das mensagens de amor. Na isotopia do amor romântico, há um destaque para os clichês, extremamente conhecidos e explorados na práxis discursiva de cineastas e cinéfilos do mundo

ocidental. (Além da eternidade / tomou conta do meu coração / sou a mulher mais feliz desse mundo).

7. TÉCNICA DA PAIXÃO NAS ONDAS DO RÁDIO

A sonoplastia pode ser entendida como o conjunto de elementos sonoros disponíveis para a composição da paisagem sonora; esse conjunto de elementos equivale-se a qualquer outro conjunto de sinais que, originariamente, são dotados da capacidade de funcionar como material significativa da comunicação sonora.

Segundo Silva (1999: 71), no rádio, tudo o que é emitido por suas ondas sonoras se entrelaçam simultaneamente com outras sonoridades”. Portanto, a linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral. Assim como a palavra e a música, os efeitos sonoros, os ruídos e até mesmo o silêncio constituem a sonoplastia e são incorporados ao imaginário do ouvinte.

“Na linguagem radiofônica, música, texto, efeitos sonoros, silêncio e ruídos são incorporados em uma sintaxe regular ao próprio rádio, adquirindo nova especificidade, ou seja, estes elementos perdem sua unidade conceitual à medida em que são combinados entre si a fim de compor uma obra essencialmente sonora com o “poder” de sugerir temas ao imaginário do ouvinte”. (SILVA, 1999, p. 71)

A sonoplastia passa, então, a ser uma fonte de valores, operando, assim, uma transformação no ouvinte com o propósito de inculcar nele a importância da emissora e despertar o interesse pelo programa. Os trechos musicais, também chamados de recortes ouvidos durante o programa são chamados de trilhas. Como parte de uma composição musical integral, o recorte pode ser feito de modo a ser reconhecido como parte da composição (por exemplo, quando a trilha apresenta um intérprete da canção popular para um texto que fala sobre um show do mesmo intérprete); ou, ao contrário, o recorte é feito de modo a perder completamente o sintagma musical original (por exemplo, quando são usados trechos de músicas que nunca serão trabalhadas na divulgação do intérprete ou quando são usadas músicas que não fazem parte da

playlist da emissora). A vinheta, parte da sonoplastia, também é um dos recursos sonoros utilizados pelo rádio. Ao falar, cria uma sensação de simbiose (associação) do ouvinte com o locutor, revalidando o companheirismo, a amizade, o elo de fidelidade e confiança.

O uso constante da vinheta também é um fator que a faz a permanecer na memória do ouvinte graças às palavras que se fundem às técnicas de volume, inserção do locutor, palavras que despertam sensação de amizade e fidelidade (sua melhor amiga e sua rádio / Nativa é muito mais amor), causando uma representação sonora de sensações, levantando temas como confiabilidade, segurança e certeza da informação sustentada.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vozes do rádio, o discurso e as técnicas atravessam datas e mudanças, evidenciando sua atualidade. Partiu-se do pressuposto que o estudo semiótico é um componente norteador para a análise de um objeto linguístico, pertença ele a qualquer gênero discursivo. Afirmar que, certamente, reforça-se ao longo da discussão teórica e análise realizada, uma vez que foi verificado somente ser possível aproximar-se da intenção do autor ao escrever o texto a partir da descrição do significado das palavras que compõem essas sentenças. No caso da música, foi possível identificar que ela desempenha papel relevante entre os meios de comunicação, principalmente no que concerne à maneira de expressar o conteúdo e a expressão de suas letras, melodias e ritmos. O prazer, a inquietação, o fascínio e o êxtase, gerados pela lembrança e desejo do amor e da paixão, fundamentam a reflexão atenciosa quanto ao percurso evolutivo da lembrança do amor dentro do tempo, e de seu estabelecimento como forma de representação cultural.

Neste estudo, objetivou-se mostrar o quanto as palavras, que completam o sincretismo em rádio são expressivas e absolutamente necessárias para o processamento linguístico e mental, mostrando assim, que a expressividade existente além do que está sendo dito intensifica-se quando os

falantes, em situações reais, com uma determinada intenção discursiva, atribuem a elas a sua individualidade e a sua técnica. Viu-se que o anseio por uma relação amorosa que envolva plenamente os amantes continua sendo uma aspiração generalizada nas sociedades modernas.

Por ser a ciência que estuda a significação, amparada por análises relativas às manifestações manipuladoras dos discursos, sejam eles representados pela linguagem verbal ou não verbal, a teoria greimasiana pode contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas em comunicação midiática, considerando as transformações que esta última têm provocado nos pensamentos e nas atitudes de indivíduos e culturas. Marcado pela voz materna e pelo prazer da audição, em meio à cultura que o cerca e o convida a participar da busca do imaginário, o ouvinte realiza suas funções em um simples ato: o de escutar.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- _____. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo, Ática, 1999.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de.** Teoria do Discurso – fundamentos semióticos. São Paulo, Humanitas, 2ª Ed., 2001.
- BARBOSA FILHO, André.** Gêneros radiofônicos. Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BERTRAND, D. Caminhos da semiótica literária.** Tradução do Grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.
- CÉSAR, Cyro.** Como falar no rádio: prática de locução AM-FM. São Paulo: IBRASA, 1990.
- _____. A mídia da Emoção. São Paulo: Summus, 2005.
- FIORIN, José Luiz e PLATÃO, Francisco Savioli.** Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1999.
- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J.** Dicionário de Semiótica. Trad. Lima, A. D. et al. São Paulo: Cultrix, 1989.
- GREIMAS, A-J. Du sens II.** Essais sémiotiques. Paris: Seuil, 1983.
- HALADEWICZ-GRZELAK, Malgorzata.** The linguistic market in Polish radio commercials. In: International Journal of Cultural Studies. Jan2010, Vol. 13 Issue 1, p63-82.
- MURATA, Elza Kioko Nakayama Nenoki.** Semiótica e Imaginário no Discurso. In: Projeto SaberTravessias. Vol. 3, No 3. 2009.
- SCHAFER, Murray.** O ouvido Pensante. Traduzido por Maria Fonterrada et alii. São Paulo: Summus, 1991.
- SOARES, Camila.** Análise semiótica dos recursos expressivos de produção de comunicação da vinheta de abertura do Jornal nacional. In: Revista da Universidade Ibirapuera. V. 1. p. 15-19, jan./jun. 2011.
- HERNANDES, Nilton.** A mídia e seus truques – o que jornal, revista, TV, Rádio e Internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo, Contexto, 2006.
- MARTINEZ, José Luiz.** O que é semiótica da música? São Paulo, ago. 2002.

NUNES, Mônica. O mito no rádio. A voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

ORTRIWANO, Gisela. A informação no rádio. Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PORCHAT, Maria Elisa. Manual de Radiojornalismo. São Paulo: Jovem Pan, 2006.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano. Rádio: oralidade mediatizada. O spot e os elementos da linguagem radiofônica: Annablume, 1999.

TAVARES, Reynaldo. Histórias que o rádio não contou. São Paulo: Negócio Editora, 1997.

WISNIK, J.M. O som e o sentido: Uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WINNIK, José M. O Som e o Sentido. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

A atuação do enfermeiro com pacientes em fase terminal

**¹Marise da Silva Pereira; ¹Sheila de Almeida Martins;
¹Silvana Nunes da Silva**

¹Universidade Ibirapuera.

Av. Interlagos, 1329, São Paulo, SP

silvana_enfa@hotmail.com

Resumo

Estudos têm sido conduzidos no sentido de inferirem que uma formação específica cria melhores habilidades técnicas e pessoais, nos profissionais de saúde, para lidarem com o sofrimento e a angústia dos doentes e seus familiares, assim como em relação a si próprios, nomeadamente na gestão da frustração e do desgaste emocional que estas situações desencadeiam. O estudo teve por objetivo geral conduzir uma revisão sistemática a fim de verificar a atuação do profissional de enfermagem em pacientes com cuidados paliativos em assistência hospitalar; identificando as práticas realizadas na abordagem que visam melhorar a qualidade de vida dos pacientes e seus familiares na presença de doenças terminais; relacionando as estratégias de gestão do sofrimento em cuidados paliativos e os princípios e valores envolvidos nesta assistência. O estudo e a revisão sistemática foram estruturados em sete etapas conforme as recomendações da Comunidade Cochrane. A busca sistemática da literatura identificou sete publicações que preencheram os critérios de inclusão estabelecidos.

Palavras-chaves: Enfermagem. Cuidados paliativos. Fase terminal.

Abstract

Studies have been conducted to infer that a specific training creates better technical and personal skills in health professionals to deal with the suffering and distress of patients and their families, as well as in relation to themselves, particularly in the management of frustration and emotional distress that these situations trigger. The study was overall objective to conduct a systematic review in order to check the effectiveness of the nursing professional in patients with palliative care in hospital care; identifying the practices carried out in the approach to improve the quality of life of patients and their families in the presence of terminal illness; relating the suffering of the management strategies in palliative care and the principles and values involved in this assistance. The study and systematic review were structured in seven stages according to the recommendations of the Community Cochrane. The systematic literature search identified seven publications that met the established inclusion criteria.

Keywords: Nursing. Palliative care. Terminal phase.

1. Introdução

O tema do trabalho de pesquisa envolve a importância da enfermagem nos cuidados para pacientes em fase terminal. Esta assistência prestada ao paciente deve ser humanizada e estar de acordo com o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem estabelecida na resolução do COFEN – 311/2007.

A questão do cuidado da vida humana na fase terminal tornou-se relevante na sociedade e na área da saúde, onde os profissionais sofrem um desgaste físico e emocional ao cuidar de pacientes terminais, por estarem acompanhando um processo de doença evolutiva e a triste realidade da morte estar próxima, pelo sofrimento do enfermo no despedir-se das pessoas queridas e na despedida da própria vida, acompanhando um cotidiano muitas vezes dolorido, no caminho da morte. (AMARAL, 2008)

A justificativa para o trabalho de pesquisa reside no fato de que estudos têm sido conduzidos no sentido de inferirem que uma formação específica cria melhores habilidades técnicas e pessoais, nos profissionais de saúde, para lidarem com o sofrimento e a angústia dos doentes e seus familiares, assim como em relação a si próprios, nomeadamente na gestão da frustração e do desgaste emocional que estas situações desencadeiam. (ANDRADE, 2013 APUD BARBOSA, 2016, GOMES, 2014)

O presente estudo tem por objetivo geral conduzir uma revisão sistemática a fim de verificar a atuação do profissional de enfermagem em pacientes com cuidados paliativos em assistência hospitalar.

Para atingir o objetivo geral, a pesquisa está alicerçada nos objetivos específicos, tais quais: identificar as práticas realizadas na abordagem que visam melhorar a qualidade de vida dos indivíduos e familiares na presença de doenças terminais; relacionar as estratégias de gestão do sofrimento em cuidados paliativos e relacionar os princípios e valores dos cuidados paliativos na área de enfermagem no modelo de assistência hospitalar.

Os profissionais de enfermagem muitas vezes se deparam com uma dura, triste e difícil realidade, que apesar de seus melhores esforços, alguns pacientes morrerão. Embora não possam alterar esse fato, estes profissionais podem ter um efeito significativo e duradouro sobre a maneira pela qual o paciente viverá até a sua morte, a maneira pela qual a morte acontecerá e as memórias que ficarão da morte para a família. (SMELTZER, 2005)

2. Cuidados paliativos

A morte sempre fez parte das indagações humanas, onde o próprio homem deu-se conta de sua finitude, ou seja; de que sua vida embora dotada de toda singularidade, em um determinado momento deixa de existir, ou seja; o fim da vida é uma certeza a todo ser humano. Nesse contexto percebe-se o medo e insegurança que assola o homem no que diz respeito à morte.

Na atualidade a morte é vista como inimiga, oculta, vergonhosa, algo que fere a onipotência do homem moderno, sendo considerada uma temática que provoca entraves na comunicação entre pacientes, familiares e profissionais. (KOVACS, 2010)

O paciente terminal ou fora de possibilidades terapêuticas são os rótulos dados a pacientes com doenças as quais não vislumbram nenhuma possibilidade de cura. São as doenças progressivas cujo tratamento não implica mais em cura, e sim no alívio de sintomas, na preservação e na melhoria da qualidade de vida, de uma maneira global, ou seja, biológica, espiritual, social e psicologicamente. (CASSORLA, 1991, MACIEL, 2004)

Os Cuidados Paliativos (CP) são oriundos do movimento hospice e fundamenta-se no cuidar do ser humano que está morrendo, bem como de sua família, com compaixão e empatia. O conceito de hospice moderno foi desenvolvido na década de 1960, por Cicely Saunders. (PESSINI, 2004)

Cuidar de pacientes com doenças terminais e seus familiares é uma atividade ou um modelo de atenção à saúde que vem sendo denominado “cuidado paliativo”. (SANRANA, 2009)

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002).

Cuidados Paliativos consistem na assistência promovida por uma equipe multidisciplinar, que objetiva a melhoria da qualidade de vida do paciente e seus familiares, diante de uma doença que ameace a vida, por meio da prevenção e alívio do sofrimento, da identificação precoce, avaliação impecável e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais.

Assim sendo; os cuidados paliativos são reconhecidos como uma abordagem que visa melho-

rar a qualidade de vida dos indivíduos e familiares na presença de doenças terminais, onde o controle dos sofrimentos físico, emocional, espiritual e social são aspectos essenciais e orientadores do cuidado. (SILVA, 2006)

Devido à natureza complexa, multidimensional e dinâmica da doença, o cuidado paliativo avança como um modelo terapêutico que endereça olhar e proposta terapêutica aos diversos sintomas responsáveis pelos sofrimentos físico, psíquico, espiritual e social, responsáveis por diminuir a qualidade de vida do paciente. Trata-se de uma área em crescimento e cujo progresso compreende estratégias diversas que englobam bioética, comunicação e natureza do sofrimento. (ANCIP, 2009)

3. A enfermagem e os cuidados paliativos

Os cuidados paliativos têm início no momento do diagnóstico e podem ser oferecidos concomitantemente à terapia direcionada à doença de base. Assim, a enfermagem não atua somente no controle de sintomas, mas também no tratamento das intercorrências que têm grandes potenciais de morbimortalidade. (SALTZ, 2008)

A complexidade desta assistência requer abordagem multidisciplinar, visto que o adoecimento atinge dimensões biopsicossociais e espirituais, fazendo-se necessário que a equipe paliativista seja formada por profissionais de diversas áreas, para atingir todas as dimensões. (IAHPC, 2008)

Considerando a enfermagem parte desta equipe, cabe aos profissionais estabelecer uma relação de ajuda com paciente e família, por meio da comunicação efetiva, controle dos sintomas, medidas para alívio do sofrimento e apoio aos familiares frente à morte. (SALTZ, 2008)

A assistência de enfermagem é fundamental nesses momentos. O Conselho Internacional de Enfermagem (CIE) reconhece que os cuidados paliativos são uma área de intervenção da saúde no qual os cuidados de enfermagem são o maior sustentáculo, com a sua importância no controle da dor, em conjunto com a necessidade de prover auxílio no controle dos demais sintomas e prestar apoios psicológico, social e espiritual para os pacientes sob seus cuidados. (CIE, 2010)

Cabe a enfermagem avaliar a dor e implementar a terapêutica considerando a família neste contexto. Todavia, faz-se necessário que o profis-

sional adquira conhecimentos sobre dor, para que assim dimensione e avalie sua complexidade. (WATHERKEMPER, 2010)

A enfermagem tem papel fundamental nos cuidados paliativos como na aceitação do diagnóstico e auxílio para conviver com a doença. Assim, desenvolve assistência integral ao paciente e familiares, por meio da escuta atenta com o objetivo de diminuir a ansiedade devido ao medo da doença e do futuro.

Oferecer Cuidados Paliativos em enfermagem é vivenciar e compartilhar momentos de amor e compaixão, aprendendo com os pacientes que é possível morrer com dignidade e graça; é proporcionar a certeza de não estarem sozinhos no momento da morte; é oferecer cuidado holístico, atenção humanística, associados ao agressivo controle de dor e de outros sintomas; é ensinar ao doente que uma morte tranquila e digna é seu direito; é contribuir para que a sociedade perceba que é possível desassociar a morte e o morrer do medo e da dor. (MATZO, 2001, SKILBECH, 2005).

Os profissionais devem ter uma concepção clara dos cuidados paliativos, bem como de fatores que auxiliem a assistência norteada de compaixão e honestidade que incluam as necessidades da família e do paciente durante a terminalidade e o adoecimento visando o controle da dor, que é uma intervenção fundamental da enfermagem e, na fase terminal, é prioridade.

Outro aspecto a ser observado é o tratamento domiciliar na fase terminal. Esse serviço implica visitas constantes da enfermagem para administrar algum tratamento ou fornecer medicamentos, equipamentos ou materiais.

O cuidado domiciliar visa de certa forma normalizar a vida do paciente no contexto junto à família e a comunidade, minimizando o impacto destrutivo de sua condição clínica sobre os familiares. (BROWN-HELLSTEN, 2006)

4. Metodologia

Em relação aos métodos, Lakatos & Marconi (1999) definem que: “Pesquisar não é apenas procurar a verdade; é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos”, por meio desta afirmação é possível notar que a pesquisa é algo mais amplo do que se imagina em um primeiro momento.

A pesquisa não se identifica apenas como um processo de investigação, ou um modelo simplório de inquirição, sua finalidade é possuir uma compreensão mais profunda sobre o tema levantado e sobre a questão que direciona a pesquisa.

A pesquisa tem caráter bibliográfico, uma vez que foram utilizados livros, artigos de jornais e revistas sobre o tema. “A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa explicativa, pois, pretende explicar a ocorrência de um fenômeno”. (VERGARA, 2005)

O estudo e a revisão sistemática foram estruturados em sete etapas conforme as recomendações da Comunidade Cochrane e são apresentados na figura 1.

Figura 1: Fluxograma para Revisão Sistemática



Fonte: Elaborada pelas autoras com base nas diretrizes da Comunidade Cochrane

1ª Etapa: Identificação e formulação da pergunta/problema de pesquisa

Neste primeiro momento definiu-se a pergunta/ problema da pesquisa, a ser investigado e as suas variáveis que poderão ser analisados no quadro 1.

Quadro 1: Questão de pesquisa e variáveis selecionadas

2ª Etapa: Localização e seleção dos estudos

Esta etapa foi realizada através da pesquisa bibliográfica, compreendendo o desenvolvimento do referencial teórico para a fundamentação necessária.

A localização e a seleção dos estudos foram constituídas principalmente de artigos, livros, monografias, dissertações, manuais e revistas eletrônicas, sem restrição de idioma.

Foram pesquisados dados em periódicos eletrônicos, tais como: MEDLINE/PubMed, Web of Science e CAPES.

3ª Etapa: Avaliação crítica dos estudos

A revisão sistemática foi feita a partir de um recorte temporal entre os anos de 2001 e 2016, para o levantamento de tópicos relacionados à atuação do profissional de enfermagem para pacientes com cuidados paliativos no ambiente hospitalar, tendo em vista; identificar as práticas realizadas que visam melhorar a qualidade de vida destes pacientes e seus familiares.

A busca dos referenciais teóricos foi realizada através dos descritores: Enfermagem. Cuidados paliativos. Fase terminal. Para a avaliação crítica dos estudos, os critérios de inclusão foram artigos e documentos que relatassem resultados sobre: protocolos e rotinas de atendimento, abordagem interdisciplinar, condutas no tratamento físico de desconforto e técnicas de comunicação usadas pelo profissional durante os cuidados paliativos realizados pela equipe de enfermagem. Os critérios de exclusão foram os estudos que não relacionem especificamente pacientes em estágio terminal; que não estivessem enquadrados no modelo de assistência hospitalar e que não relatassem os cuidados de enfermagem para este grupo.

4ª Etapa: Coleta de Dados

A elaboração do presente trabalho adotou como metodologia a pesquisa explicativa por meio de revisão sistematizada, envolvendo a coleta de dados sobre as variáveis apresentadas no quadro 1.

5ª Etapa: Análise e apresentação dos resultados

Dos artigos que forem pesquisados, baseando-se nos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados para os resultados, os artigos envolvendo pesquisas qualitativas sobre a atuação do profissional de enfermagem em pacientes com cuidados paliativos. As pesquisas qualitativas forneceram informações detalhadas e quantificáveis do problema elencado.

6ª Etapa: Interpretação dos dados

Os dados foram organizados em categorias similares, identificando-se padrões, tendências, relações, bem como associações de causa e efeito. A preocupação foi a de fornecer uma ordem lógica aos dados colocando todos os elementos do estudo em gráficos e tabelas, com as análises dos dados encontrados.

7ª Etapa: Considerações finais

Nesta fase foram apontadas sugestões pertinentes para futuras pesquisas direcionadas para a melhoria da atuação do profissional de enfermagem em pacientes com cuidados paliativos.

4. Resultados e Discussão

A busca sistemática da literatura identificou 22.123 artigos potencialmente relevantes, sendo 8.298 publicações provenientes do MEDLINE/PubMed, 1.385 do Web of Science e 12.440 do CAPES. Dentre esses, 733 estavam duplicados em mais de uma base de dados. Vinte mil trezentos e oitenta e oito (20.388) artigos foram excluídos pela análise das informações fornecidas pelo título e pelo resumo.

Um mil e dois (1.002) artigos remanescentes foram analisados em inteiro teor para a coleta de informações mais detalhadas.

Novocentos e noventa e cinco (995) publicações foram excluídas por não apresentarem estudos observacionais e/ou dados envolvendo pesquisas qualitativas sobre a atuação do profissional de enfermagem em pacientes com cuidados paliativos em assistência hospitalar. Por fim, sete publicações preencheram os critérios de inclusão estabelecidos e foram incluídas para a revisão.

O processo de seleção de estudos está demonstrado na Figura 1.

Figura 2 – Fluxograma processo de seleção de estudos

QUESTÃO DE PESQUISA	VARIÁVEIS	
	PACIENTE	PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM
Como é a atuação do profissional de enfermagem em pacientes com cuidados paliativos em assistência hospitalar?	<input checked="" type="checkbox"/> Faixa Etária <input checked="" type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Diagnóstico <input checked="" type="checkbox"/> Condições clínicas <input checked="" type="checkbox"/> Cooperação <input checked="" type="checkbox"/> Capacidade de estabelecer interação com o profissional	<input checked="" type="checkbox"/> Protocolos e rotinas de atendimento <input checked="" type="checkbox"/> Condutas no tratamento físico de desconforto <input checked="" type="checkbox"/> Habilidades de comunicação <input checked="" type="checkbox"/> Abordagem interdisciplinar

Fonte: Elaborado pelas autoras (2016).

Na tabela 01 são apresentados e descritos os resultados obtidos na revisão sistemática, para a verificação da atuação do profissional de enfermagem em pacientes com cuidados paliativos em assistência hospitalar, e em seguida são identificadas as práticas realizadas na abordagem que visam melhorar a qualidade de vida dos indivíduos e familiares na presença de doenças terminais; relacionando-as as estratégias de gestão do sofrimento em cuidados paliativos e os princípios e valores destes cuidados.

Tabela 1: Resultados obtidos

Autor Ano	Nº Pac	Local	Faixa Etária	Método	Resultados
Tai et al (2016) (24)	824 (344 ♀ e 480 ♂)	Taiwan	<65= 461 ≥ 65= 344 Idade média = 61	Relatório de sintomas foi desenhado por especialistas experientes, que avaliou o sofrimento físico e psicossocial, usando escalas correspondentes. Os sintomas físicos e psicossociais incluíam dor, constipação, vômitos, dispnéia, perda de apetite, perturbações do sono, edema, desconforto, depressão e ansiedade, graduados numa escala de 0 a 4 (0 = nenhuma, 1 = ligeira, 2 = moderada, 3 = grave, e 4 = extrema). A consistência interna do questionário, Coeficientes de valor α de Cronbach para a medição da linha de base, foi de 0,715. Além disso, 3 especialistas foram convidados para julgar e modificar o conteúdo dos relatórios e 7 peritos para avaliar a validade de conteúdo. O índice de validade de conteúdo médio (CVI) foi de 0,91.	Os sintomas mais graves de pacientes hospitalizados por cuidados paliativos são dor, anorexia e constipação. A integração dos cuidados paliativos do hospital demonstrou uma melhoria favorável na gravidade dos sintomas. As diferenças de sexo e locais do câncer primário podem contribuir para diversos graus de melhoria na gravidade dos sintomas. Os resultados do presente estudo confirmaram a eficácia dos cuidados paliativos com base na melhora dos sintomas observados durante a primeira semana do tratamento. Observou-se uma associação significativa entre a melhora da dor e idade mais avançada. As associações semelhantes foram observadas com perturbações do sono, depressão, ansiedade e estas achados sugerem que pacientes mais jovens requerem uma atenção particular e uma vigilância ativa durante o tratamento. Foram observadas diferenças sexuais consideráveis em relação a determinados sintomas: pacientes do sexo feminino relataram menos melhora de vômitos, anorexia e distúrbio do sono.
Khoshnazar et al (2016) (25)	20 ♀	Irã	35 a 43	Pesquisa qualitativa com a abordagem de análise de conteúdo convencional para explicar a compreensão das necessidades de comunicação das mulheres com câncer de mama, sendo uma abordagem indutiva que visa descrever o fenômeno com base na codificação e extração de categorias a partir dos dados disponíveis. Usando este método, uma investigação aprofundada das experiências e os comportamentos dos pacientes e uma explicação do conceito em questão foram fornecidos.	Depois de analisar e comparar os dados, duas categorias principais foram extraídas: "a comunicação terapêutica" e "empatia facilitar". "Terapia de construção de confiança", "presença calmante," e "clamando para ser ouvido" são as subcategorias que formam a categoria "comunicação terapêutica", que é considerada como uma interação intercalada entre o pessoal de saúde, especialmente médicos e enfermeiros na prestação de cuidados para pacientes com câncer de mama e especialmente as mulheres submetidas à mastectomia, havendo em relação a essas pacientes: confiança, respeito, boas maneiras, amabilidade e acessibilidade.
Beckett et al (2015) (26)	15 crianças (11 ♂ e 4 ♀)	Reino Unido	9 a 16	Métodos mistos exploraram práticas de gestão da dor em um hospital pediátrico para avaliar a eficácia atual e sustentabilidade futura. O estudo foi apoiado pelos leads especialistas APS (consultor anestesista pediátrico e enfermeiro especialista em dor pediátrica) e gestores hospitalares. O objetivo foi verificar o quão eficaz foi a intervenção do especialista no controle da dor infantil. Dados foram extraídos de revisão de notas médicas e de enfermagem.	Dados extraídos das revisões de notas médicas e de enfermagem forneceram informações sobre a adequação dos encaminhamentos APS conhecidos e posterior gestão da dor, mas não sobre o manejo da dor por profissionais não especializados ou adequação de não-referência. Os níveis de dor mais elevados eram mais propensos a ter condições de longa duração, tempo de internação hospitalar e internações de repetição. Três temas principais emergiram através da análise entrevista: "dor de endereçamento", "contextos de mudança" dor como uma habilidade "exper". O aumento da especialização, diminuição da clareza entre as diferentes modalidades de dor e diminuição da oportunidades de formação resultou na dependência APS potencialmente insustentável.

Conforme Tai et al.(2016), os pacientes terminais com câncer sofrem de vários sintomas físicos e psicológicos e falências de múltiplos órgãos; portanto, uma das suas principais necessidades é estarem confortáveis e livres de sintomas na fase final de suas vidas. Consequentemente, o componente inicial e essencial dos cuidados paliativos do câncer são o de oferecer aos pacientes em estágios avançados da doença, o alívio dos sintomas, logo que possível, em vez de somente o tratamento da doença.

Em relação à dor, não foram observadas diferenças significativas entre os diferentes tipos de câncer durante a primeira semana de admissão. Os sintomas gastrointestinais, incluindo constipação, vômitos e anorexia, foram os problemas mais comuns e graves em pacientes com câncer avançado, particularmente aqueles com câncer gastrointestinal avançado.

A maioria dos estudos anteriores têm se centrado sobre os sintomas em pacientes com câncer avançado ao receberem cuidados paliativos. Alguns estudos têm realizado um acompanhamento longitudinal para observar a qualidade de vida, a gravidade dos sintomas, e humor entre os pacientes ambulatoriais com câncer avançado.

Khoshnazar et al.(2016) afirmam a necessidade de se estabelecer a comunicação entre a equipe de saúde e pacientes para simplificar o tratamento. A comunicação é de suma importância para manter o ritmo de cuidados de saúde e, assim, melhorar o tratamento. A Comunicação terapêutica significa utilizar estratégias específicas para encorajar os pacientes a expressar sentimentos e ideias, transferência, aceitação e respeito pelo paciente.

Na terapia de construção de confiança, a confiança é o fator fundamental em qualquer relacionamento. A relação baseada na confiança reduz medos e ansiedade dos pacientes, portanto, levará a sua satisfação e preservação do seu espírito. Experiências dos pacientes mostram que sempre que o tratamento é associado com bondade e alegria, estes experimentam uma sensação de confiança com a equipe de saúde.

Para os pacientes, a presença física e disponibilidade de prestadores de cuidados de saúde, em particular os enfermeiros, causaram alívio e mantiveram o moral e a satisfação neles. Pacientes expressaram estarem reconfortantes com a presença da equipe de enfermagem.

Para os pacientes, a presença da enfermeira na cabeceira é tão importante que leva à confiança, intimidade e paz mútua. Eles acreditam que a ausência dos enfermeiros provoca uma sensação de solidão e ansiedade.

A presença física e a disponibilidade do enfermeiro têm um papel importante em acalmar o paciente, na medida em que é parte integrante da grande missão de enfermagem. Estes pacientes são muito sensíveis, estão emocionalmente desequilibrados, e muitas vezes são agitados e ansiosos.

Outra necessidade de comunicação associados a pacientes com câncer é a necessidade de compreender o paciente pela equipe de tratamento, especialmente pelos enfermeiros. Um paciente admitido na fase final de sua doença, sendo percebido por meio da enfermeira ajuda a reduzir a dor e aumentar a esperança de recuperação. Deve haver uma forte relação com o entendimento mútuo entre o paciente e o prestador de cuidados.

Apesar de ter limitações funcionais relacionadas com a doença e atividades sociais, a maioria dos pacientes sublinhou a necessidade de se comunicar com os seus pares sobre a partilha de experiências adquiridas durante o processo da doença, incluindo os sinais de tratamento e complicações, bem como a influência dos pares em elevar o moral e, assim, ajudá-los a superar problemas sociais de isolamento. Portanto, outra categoria que foi extraído no estudo foi rotulada de empatia, que em si é dividida em duas subcategorias: “partilha de conhecimentos” e “colegas de apoio.” Os pacientes acreditam que a partilha e transferência de seu conhecimento, adquirido pessoalmente no curso do tratamento, a nível individual é o componente central da dinâmica do conhecimento dos indivíduos e vai levar a um aumento no conhecimento global.

Pacientes e cuidadores muitas vezes encontram maneiras de falar com pessoas que têm experiências semelhantes para ajudá-los com a aceitação e a perceberem os sintomas que podem surgir durante o curso da doença.

Beckett et al.(2015) afirmam que muitas crianças hospitalizadas em todo o mundo ainda experimentam a dor não resolvida. Dor resultante de algumas condições e em algumas crianças era mais difícil para enfermagem e equipe médica gerir, como por exemplo, com a criança deficiente da fala ou de aprendizado.

Todos os participantes desejavam eliminar a dor das crianças que foi um fator importante para a maioria dos cuidados de seus pacientes. O problema da dor não resolvido ou da dor mal gerida foi angustiante para a criança, sua família e pessoal clínico.

A complexidade das condições e grau de dor sentida pelas crianças aumentaram ao longo dos anos e distinções entre dor aguda, crônica e paliativos (e a responsabilidade pela sua gestão) parecia turva. A enfermagem respondeu a isso ao expandir suas competências e desenvolver diretrizes e competências para ajudar e regular a prática. Enquanto a maioria das crianças tinha dor finita administrável (como consequência de condições agudas ou procedimentos cirúrgicos) cada vez mais uma proporção significativa de crianças apresentava condições não anteriormente consideradas tratáveis ou de sobrevivência.

Pacientes que estavam frequentemente nos hospitais e por mais tempo eram geralmente submetidos a procedimentos complexos e tinham condições limitantes de vida. Muitos tinham formas mais persistentes de dor e complexas histórias de gestão da dor. Eles foram universalmente reconhecidos como difíceis de gerir e seu sofrimento foi por vezes angustiante, necessitando de intervenções especializadas, que exigiram criatividade, experiência e habilidade para controlar a dor.

Muitas estratégias têm evoluído para otimizar o manejo da dor pediátrica e têm contribuído para a melhoria dos padrões de cuidados. As vantagens do especialista em cuidados paliativos em elevar os padrões e melhorar o atendimento ao paciente são claras. No entanto, sem um planejamento futuro e investimento simultâneo em treinamento há um risco de que a dor se torna cada vez mais especializada e que o pessoal da linha de frente não tenha a capacidade de fornecer cuidados eficazes em tempo hábil.

Para McCorkle et al.(2015), os cuidados coordenados por enfermeiras de práticas avançadas (APNs) e por equipes multidisciplinares em clínicas de doenças específicas, na gestão do paciente com câncer em estágio final, são realizados a fim de estabilizar as suas condições, monitorar sintomas, ganhar uma compreensão realista da doença, manter a qualidade de vida, e potencialmente prolongar a sobrevivência através da intervenção precoce com cuidados paliativos integrados com o tratamento abrangente do câncer.

A tradução da intervenção de enfermagem por diferentes membros da equipe proporcionou uma oportunidade para se concentrar em cuidar do paciente como um todo e não em cada componente dos cuidados que o paciente precisava.

Pesquisas adicionais são necessárias para avaliar a integração dos cuidados paliativos em clínicas multidisciplinares de doenças específicas com pacientes com câncer em estágio final com um design maior randomizado.

Segundo Lowter et al.(2014), um número crescente de pacientes que estão vivendo com HIV estão com problemas multidimensionais que incluem sintomas físicos, sofrimento psíquico e espiritual, bem como problemas sociais, tais como: o isolamento e o estigma. Uma mudança no foco de atenção é necessária para atender às necessidades multidimensionais dos pacientes, continuando a assegurar o acesso à ART (Terapia Anti Retroviral), particularmente à luz da evidência de que o sofrimento psicológico sem solução e depressão estão associados a não adesão ao tratamento.

Os cuidados paliativos oferecem uma abordagem centrada, holística aos cuidados de HIV, que visam melhorar a qualidade de vida dos pacientes e de seus familiares. Eles integram o alívio dos sintomas físicos com os aspectos psicológicos e espirituais do cuidado, e são obrigatórios durante todo o curso de doenças que ameaçam a vida, em conjunto com outras terapias destinadas a prolongar a vida, tais como ART.

A avaliação de enfermagem paliativa foi multidimensional, representando o modelo holístico da prestação de cuidados paliativos, através de procedimentos de avaliação semelhantes da África Subsaariana. Os cuidados paliativos realizados pelos enfermeiros do estudo estavam de acordo com os Padrões Africanos de Cuidados Paliativos (APCA) para a prestação de cuidados paliativos de qualidade. Apoio e supervisão foram fornecidos pelo hospital local, que conseguiu participantes com necessidades complexas que ultrapassem as competências dos enfermeiros. Os participantes também foram encaminhados para os membros da equipe multidisciplinar do hospital, como a capelania ou suporte nutricional, quando necessário.

Conforme Walczak et al. (2014), o papel da equipe de enfermagem é ajudar e capacitar os doentes e seus cuidadores para se comunicarem com a equipe de saúde sobre metas, desejos, necessida-

des, preocupações e perguntas sobre expectativa de vida e questões do final de vida.

Conhecer a expectativa de vida e o seu planejamento podem proporcionar oportunidades para se preparar para o fim da vida (EOL) e garantir atendimento consistente com os valores dos pacientes. Assim a oportuna comunicação com o paciente sobre questões de prognóstico e EOL é vital.

Planejamento Antecipado de Cuidados (ACP) podem orientar essa comunicação. Este processo envolve a discussão entre um paciente, sua família e médicos para esclarecer e refletir sobre os valores, preferências de tratamento e metas para desenvolver um entendimento comum de como devem proceder cuidados EOL.

Discutindo o prognóstico do paciente, muitas vezes constitui um componente da ACP. Isso pode esclarecer o calendário e a progressão do declínio do paciente e focar comunicação sobre como equilibrar metas de atendimento. Tais discussões podem reduzir cuidados agressivos, EOL médica e custos associados, aumentando a satisfação do paciente e do cuidador e melhorando a qualidade de vida (QV) e sobrevivência.

Os pontos fortes do estudo incluem o direcionamento de múltiplas partes interessadas e o foco em capacitar pacientes e cuidadores através de cuidadosa preparação por uma enfermeira treinada, com endosso do médico oncologista e fornecimento de uma ferramenta específica destinada a apoiá-los em esclarecer as suas dúvidas e preocupações. O estudo avaliou se esta intervenção aumenta a auto eficácia dos pacientes e cuidadores em afirmar suas necessidades de informação, e se isso se traduz em aumento da expressão de necessidades de informação.

Para Akemi Yamagishi et al.(2014) uma análise adicional levou a várias conclusões importantes sobre os efeitos de um programa de cuidados paliativos em pacientes com câncer submetidos a tratamento ambulatorial.

A primeira constatação importante foi que, apesar de pequenas ou marginais melhorias nos resultados relacionados com o paciente na população total de pacientes ambulatoriais, as análises de subgrupo sugeriram que os pacientes com uma condição geral mais pobre, alcançaram benefícios mensuráveis. Isto é, pacientes com um nível de desempenho baixo e aqueles que não receberam tratamento anticancerígeno alcançaram melhorias significativas na

qualidade do atendimento e / ou qualidade de vida.

Um bom inventário de Morte poderia capturar aspectos importantes da qualidade de vida de doentes terminais, em vez de medidas da tradicional qualidade de vida, em grande parte, dependendo dos níveis funcionais do paciente. Estes resultados indicam que o programa regional, na verdade, teve efeitos positivos sobre pacientes ambulatoriais, mas a condição física de pacientes ambulatoriais pesquisadas no ensaio foi geralmente favorável.

Outro achado no estudo é que as intervenções, incluindo programas de educação básica parecem realmente ter sucesso na diminuição do número de pacientes que classificaram a qualidade do atendimento como baixa.

Um estudo futuro para investigar os efeitos potenciais de um programa de cuidados paliativos de base populacional em pacientes ambulatoriais com câncer avançado deve ser projetado para acumular dados sobre resultados de pacientes com uma condição geral mais pobre.

4. Considerações Finais

Os cuidados paliativos são definidos como uma abordagem que melhora a qualidade de vida dos pacientes com condições que estão fora de possibilidade de cura e que; limitam a vida ou risco de vida, bem como suas famílias, através da prevenção e alívio do sofrimento, onde há um maior enfoque nas necessidades psicossociais e espirituais ao invés de somente nas necessidades puramente médicas.

Através das pesquisas selecionadas contou-se que estudos têm sido conduzidos no sentido de inferirem que uma formação específica cria melhores habilidades técnicas e pessoais, nos profissionais de saúde, para lidarem com o sofrimento e a angústia dos doentes e seus familiares, assim como em relação a si próprios, nomeadamente na gestão da frustração e do desgaste emocional que estas situações desencadeiam.

O presente estudo teve por objetivo geral conduzir uma revisão sistemática a fim de verificar a atuação do profissional de enfermagem em pacientes com cuidados paliativos em assistência hospitalar; identificando as práticas realizadas na abordagem que visam melhorar a qualidade de vida dos pacientes e seus familiares na presença de doenças terminais; relacionando as estratégias de gestão do sofrimento

em cuidados paliativos e os princípios e valores desta assistência.

A enfermagem tem papel fundamental nos cuidados paliativos como na aceitação do diagnóstico e auxílio para conviver com a doença. Assim, desenvolve assistência integral ao paciente e familiares, com o objetivo de diminuir a ansiedade devido ao medo da doença e do futuro.

Nos cuidados paliativos os profissionais de enfermagem vivenciam e compartilham momentos de amor e compaixão, aprendendo com os pacientes que é possível morrer com dignidade e graça; proporcionando-lhes a certeza de não estarem sozinhos no momento da morte; oferecendo-lhes cuidado holístico, atenção humanística, associados ao agressivo controle da dor e de outros sintomas; ensinando-lhes que uma morte tranquila e digna é seu direito; e contribuindo para que a sociedade perceba que é possível desassociar a morte e o morrer do medo e da dor.

Os profissionais devem ter uma concepção clara dos cuidados paliativos, bem como dos fatores que auxiliam a assistência norteada de compaixão e honestidade e que incluam as necessidades da família e do paciente durante a terminalidade e o adoecimento visando o controle da dor, que é uma intervenção fundamental da enfermagem e, na fase terminal, é prioridade.

A abordagem paliativa não é exclusiva de uma determinada disciplina dentro do setor de saúde e muitas vezes requer parceria interdisciplinar através de muitos profissionais de saúde dentro do ambiente hospitalar.

5. Referências Bibliográficas

AKEMI Yamagishi, R.N. et al. Changes in Quality of Care and Quality of Life of Outpatients With Advanced Cancer After a Regional Palliative Care Intervention Program. *JPSM – Journal of Pain and Symptom Management*. October 2014. Volume 48, Issue 4, Pages 602–610.

AMARAL, M.X.G. et al. Reações emocionais do médico residente frente ao paciente em cuidados paliativos. *Rev. SBPH, Rio de Janeiro*; v. 11, n. 1, p. 61-86, jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582008000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05/06/2016.

ANCIP. Academia Nacional de Cuidados Paliativos. Manual de cuidados paliativos. Rio de Janeiro: Diagraphic, 2009. 320p.

ANDRADE, C.G. Cuidados paliativos: comunicação entre os enfermeiros e o paciente terminal. Dissertação de Mestrado. João Pessoa - PB: Universidade Federal da Paraíba – UFPB. 2013

BARBOSA, G.C et al. Convivendo com a morte e o morrer. *Journal of Nursing UFPE / Revista de Enfermagem UFPE*. 2016, Vol. 10 Issue 2, p457-463. 7P.

BECKETT, K. et al. A mixed-method study of pain management practice in a UK children's hospital: identification of barriers and developing strategies to maintain effective in-patient paediatric pain management. *Nurs Open*. 2015 Oct 1;3(1):18-29. eCollection de 2016.

BROWN-HELLSTEN, M. Doença crônica, incapacidade ou tratamento terminal para a criança e família. In: Hockenberry MJ, organizador. *Wong Fundamentos de enfermagem pediátrica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006

CIE – Conselho Internacional de Enfermeiros. Cuidados paliativos para uma morte digna. Catálogo da Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem. Outubro de 2010. Portugal: CIE - Ordem dos Enfermeiros, 2010.

COCHRANE. The Cochrane Collaboration. *Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions 4.2.6*. Updated September 2006. Disponível em: <http://community.cochrane.org/sites/default/files/uploads/Handbook4.2.6Sep2006.pdf> Acesso em 30/05/2016.

GOMES, A.M.A. O Enfermeiro e a Humanização de Cuidados na Morte e no Morrer no Contexto Hospitalar. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Enfermagem. Cabo Verde, Portugal: Universidade do Mindelo. 2014.

IAHPC - International Association for Hospice & Palliative Care. *The IAHPC Manual of Palliative Care*. 2ª ed. Houston; 2008.

KHOSHNAZAR, T.A.K. et al. Communication Needs of Patients with Breast Cancer: A Qualitative Study. *Indian J Palliat Care*. 2016 Oct-Dec; 22 (4): 402-409. doi: 10.4103 / 0973-1.075,191763.

KOVACS, M.J. Sofrimento da equipe de saúde no

contexto hospitalar: cuidando do cuidador profissional. *O Mundo da Saúde*, São Paulo: 2010; 34(4):420-429.

LAKATOS, E.M.; Marconi, M.A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1999. p.15.

LOWTHER, K. et al. A randomised controlled trial to assess the effectiveness of a nurse-led palliative care intervention for HIV positive patients on antiretroviral therapy: recruitment, refusal, randomisation and missing data. *Journal List . BMC Res Notes*. v.7;

2014. PMC4161861 Published online 2014 Sep 3. doi:10.1186/1756-0500-7-600. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25187211>.

MACIEL, M.G.S. A Dor Crônica no Contexto dos Cuidados Paliativos. In: *Prática Hospitalar*. Ano VI, n° 35, set./out. 2004.

MATZO M.L, Sherman D.W. Palliative care nursing: ensuring competence care at the end of life. *Geriatric Nursing*. 2001; 22 (6):288-93.

MCCORKLE, R. et al. An Advanced Practice Nurse Coordinated Multidisciplinary Intervention for Patients with Late-Stage Cancer: A Cluster Randomized Trial. *J Palliat Med*. 2015 01 de novembro; 18 (11): 962-969. doi: 10,1089 / jpm.2015.0113.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Palliative care. Disponível em: http://search.who.int/search?q=palliative+care&ie=utf8&site=who&client=_en_r&proxystylesheet=_en_r&output=xml_no_dtd&oe=UTF-8&getfields=doctype&requiredfields=doctype:Publication&ulang=pt-BR&ip=189.120.231.200&access=p&sort=date:D:L:d1&entqr=3&entqrm=0&entsp=a__hq_policy&lr=lang_en&wc=200&wc_mc=1&ud=1&start=10 Acesso em 01/06/2016.

PESSINI L, Bertachini L. *Humanização e cuidados paliativos*. 2ª ed. São Paulo: Loyola; 2004

SALTZ E, Juver J, organizadores. *Cuidados paliativos em oncologia*. Rio de Janeiro: SENAC Rio; 2008.

SANTANA Antana, J.C.B. et al. Cuidados paliativos aos pacientes terminais: percepção da equipe de enfermagem. São Paulo: *Revista Bioethikos*. Centro Universitário São Camilo. 2009; 3(1):77-86.

SILVA R.C.F; Hortale V.A. Cuidados Paliativos oncológicos: elementos para o debate de diretrizes nesta área. *Cad Saúde Pub*. 2006;22(10):2055-66. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v22n10/04.pdf> Acesso em 31/05/2016.

pdf/ Acesso em 31/05/2016.

SKIBECK, J.K. End of life care: a discursive analysis of specialists palliative care nursing. *Journal of Advanced Nursing*. 2005; 51 (4):325-34.

SMELTZER, S.C.; Bare, B.G. *Tratado de Enfermagem Médico - Cirúrgica*. 10ª. ed. RJ: Guanabara Koogan, 2005.

TAI S.Y. et al. Symptom severity of patients with advanced cancer in palliative care unit: longitudinal assessments of symptoms improvement. *BMC Palliat Care*. Published online 2016 Mar 11. doi: 10.1186/s12904-016-0105-8. Acesso em 30/10/2016.

VERGARA, S.C. *Metodologia científica: métodos de pesquisa*. 2005. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9858/9858_4.PDF. p. 48. Acesso em: 02/06/2016.

WALCZAK, A. et al. Discussing prognosis and end-of-life care in the final year of life: a randomised controlled trial of a nurse-led communication support programme for patients and caregivers. *BMJ Open*. 2014 Jun 26;4(6): e005745. doi: 10.1136/bmjopen-2014-005745.

WATERKEMPER, R, Reibnitz KS. Cuidados paliativos: a avaliação da dor na percepção de enfermeiras. *Rev Gaúcha Enferm*. 2010;31(1):84-91.

A formação do profissional corretor de imóveis nos níveis médio e superior: uma abordagem comparativa

Marco Paulo Andrade de Oliveira, Camila Soares, Alan Almario

Universidade Ibirapuera

Av. Interlagos, 1329 – São Paulo/SP

alan.almario@ibirapuera.edu.br

Resumo

A profissão do Corretor de Imóveis no Brasil vem desde o tempo da colonização, quando as pessoas ganhavam a vida arrumando pousadas para os desbravadores deste país. Como se trata de uma atividade que visa ao desenvolvimento, o progresso e a concretização dos ideais, é possível afirmar, de maneira figurada, que Pero Vaz de Caminha deu início às atividades de corretagem ao escrever para Portugal descrevendo o Novo Mundo, atuando assim como um Corretor de Imóveis. Durante os anos os profissionais deste setor tiveram seu perfil modernizado para atender às exigências de mercado e criaram conselhos regionais e órgão federal para a regulamentação da profissão. Na busca da qualidade do atendimento foram criados cursos técnicos a distância para formação deste profissional, que hoje conta também com um curso presencial de nível superior na área de transações imobiliárias. Muito tem se discutido para saber se o mercado hoje precisa de um profissional de nível superior ou de nível médio, e, afinal, quais serão as diferenças entre as duas modalidades? Há diferença de atuação entre os profissionais formados em nível técnico (médio) ou tecnólogo (superior) no dia-a-dia do trabalho?

Palavras chaves: corretor de imóveis, nível técnico, educação

Abstract

The profession of the Real estate broker in Brazil comes since the time of the colony, when the people gained the life arranging shelters for the tammers of this country. As if it deals with an activity that aims at the development, the progress and the concretion of the ideals, it can be affirmed, in appeared way, that Pero Vaz de Caminha began the activities of brokerage when writing for Portugal describing the New World, actuating as a Real estate broker. During the years the professionals of this sector had been having their modernized profile to attend to the market requirements, and had created regional councils and federal agency for the regulation of the profession. In the search of the quality of the attendance had been created technician courses in the distance for formation of this professional, who today has also with an active course of college level in the area of real estate transactions. It has been argued so much to know if the market today needs a professional of college level or high school level, and after all, which will be the differences between the two modalities? It there difference of performance between the formed professionals in level technician (high school) or technologist (college) in day-by-day of the work?

Keywords: Real estate broker, level technician, education

1.Introdução

Apesar de parecerem simples, atividades de compra, venda, aluguel e permuta de imóveis necessitam de pessoal bem preparado, pois não basta colocar em contato pessoas que querem vender e pessoas que querem comprar imóveis, sejam eles residenciais, comerciais ou rurais, a responsabilidade do corretor é bem mais ampla nesta transação comercial.

Segundo a lei que disciplina o exercício da profissão (Lei nº 6.530), “compete ao corretor exercer a intermediação na compra, venda, permuta e locação de imóveis, podendo, ainda, opinar quanto a comercialização imobiliária”.

Esta profissão, em seu princípio, teve o nome de “agente de comércio” aqui no Brasil. Em 1942 o Ministério do Trabalho, em sua carta sindical, designou-os como “corretores de imóveis” e hoje são mais conhecidos como “Técnicos em Transações Imobiliárias”, nome este dado também ao curso de nível técnico a distância que forma este profissional.

A Lei nº 4.116 de 1962 reconheceu e regulamentou a profissão, mas com o passar do tempo foi necessário a criação do diploma legal, então o Congresso Nacional revogou a lei anterior e promulgou a Lei nº 6.530 de 1978, consolidando a profissão e concedendo a seus integrantes o título de Técnico em Transações Imobiliárias.

Com a criação de cursos de nível superior na área de Ciências e Gestão de Negócios Imobiliários, o Conselho Federal de Corretores de Imóveis (Cofeci) admitiu também a inscrição nos CRECIs (Conselhos Regionais de Corretores de Imóveis) dos concluintes deste curso. Estes cursos estão ainda sendo iniciados nas universidades e tem tido pouca procura, formarão o profissional em dois anos e são denominados cursos tecnológicos.

2.Educação Profissional

A formação profissional até a década de 80 limitava-se ao treinamento para a produção em série e padronizada, buscando a criação de um “elo privilegiado de comunicação entre esses dois mundos aparentemente tão distantes: o da socialização dos conhecimentos (a escola) e o da produção de mercadorias (a fábrica)” (PETITAT, 1994).

Este ensino profissional, denominado inicialmente “de artes e ofícios” conservava um perfil mais artesanal do que propriamente industrial, com caráter eminentemente instrumental, preparava para um ofício particular. Após a década de 80, com as mudanças no mundo do trabalho advindas de novas formas de gestão e organização, foi se estabelecendo um novo conceito de profissionalização que atendessem as exigências do mercado, que passou a buscar pessoal polivalente que fosse capaz de interagir em situações novas e em constante mutação.

Como objetivo de atender a demanda, escolas e instituições de educação profissional buscaram diversificar programas e cursos profissionais, atendendo as novas áreas e elevando os níveis de qualidade, buscando inclusive atender o setor de prestação de serviços que se encontrava em plena ascensão. Conforme assinala Pero (1995) o período em questão no Brasil é marcado por uma forte queda do emprego industrial acompanhado de um elevado incremento na produtividade, havendo, como contraponto, o crescimento da participação do setor terciário e a informalização das atividades ocupacionais.

A educação profissional passou a ser vista como uma importante estratégia para que os cidadãos tenham efetivo acesso às conquistas científicas e tecnológicas da sociedade, deixando de lado o conceito de que seria seu papel única e exclusivamente preparar o educando para a execução de um determinado conjunto de tarefas.

Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9394/96), educação profissional é concebida como integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduzindo ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. (Art. 39). Ela é acessível ao aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como ao trabalhador em geral, jovem ou adulto. (Parágrafo único – Art.39), desenvolvendo-se em articulação com o ensino regular ou por diferentes formas de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho. (Art. 40). O conhecimento adquirido, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos (Art. 41).

A legislação favorece e estimula ainda que o trabalhador, jovem ou adulto que, na idade própria não pode efetuar estudos, tenha oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as suas características, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames, inclusive os de caráter supletivo (Art. 37 e 38 da LDB).

O Decreto nº 2208 de 17/4/97, regulamenta a educação profissional prevista nos artigos 39 a 42 da Lei 9394/96 e fixa os objetivos da educação profissional:

- promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício das atividades produtivas;
- proporcionar a formação de profissionais aptos a exercerem atividades específicas no trabalho, com escolaridade correspondente aos níveis médio, superior e de pós-graduação;
- especializar, aperfeiçoar e atualizar o trabalhador em seus conhecimentos tecnológicos;

- qualificar, reprofissionalizar e atualizar jovens e adultos trabalhadores, com qualquer nível de escolaridade, visando a sua inserção e melhor desempenho no exercício do trabalho.

Vale, no entanto, ressaltar que todas as modalidades de cursos superiores previstos no Art. 44 da Lei 9394/96 podem ter características profissionalizantes.

Art. 44. A educação superior abrangerá os seguintes cursos e programas:

I - cursos seqüenciais por campo de saber, de diferentes níveis de abrangência, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino;

II - de graduação, abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processo seletivo;

III - de pós-graduação, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino;

IV - de extensão, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos em cada caso pelas instituições de ensino.

(Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9394-96, 20/12/1996)

Não obstante, o Decreto 2208/97 prevê em seu Artigo 3º, educação profissional em nível tecnológico, correspondente a cursos de nível superior na área tecnológica, destinados a egressos do ensino médio e técnico. Tais cursos de nível superior, correspondentes à educação profissional de nível tecnológico, prevê ainda o Decreto, deverão ser estruturados para atender aos diversos setores da eco-

nomia, abrangendo áreas de especializadas e conferirão diploma de Tecnólogo.

3. Educação Tecnológica

É chamada de educação tecnológica a graduação de nível superior, que pode habilitar para concursos, para a pós-graduação, para o emprego e para o empreendedorismo e que é realizada em um tempo médio de 2 anos, pois está totalmente voltada ao desenvolvimento das competências e habilidades que interessam ao mercado de trabalho. A Educação Tecnológica é regulamentada pelo Ministério da Educação através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996 e pela Resolução CNE/CP3 do Conselho Nacional de Educação.

O tecnólogo é um profissional de nível superior que tem como característica o foco nas habilidades e competências requeridas pelo mercado e no saber fazer, pensar e inovar, conquistando cada vez mais espaço no mundo empresarial.

Este profissional deve estar apto a desenvolver, de forma plena e inovadora atividades em uma determinada área profissional e deve ter formação específica para:

- a) aplicação, desenvolvimento, pesquisa aplicada e inovação tecnológica e a difusão de tecnologias;
- b) gestão de processos de produção de bens e serviços; e
- c) o desenvolvimento da capacidade empreendedora.

Ao mesmo tempo, essa formação deverá manter as suas competências em sintonia com o mundo do trabalho e ser desenvolvida de modo a ser especializada em segmentos (modalidades) de uma determinada área profissional.

Estas características somadas à possibilidade de terem duração mais reduzida das que os cursos de graduação, atendendo assim ao interesse da juventude em dispor de credencial para o mercado de trabalho, podem conferir a estes cursos uma grande atratividade, tornando-se um potencial de sucesso.

Quanto à sua duração, os cursos de formação de tecnólogos ou cursos superiores de tecnologia poderão comportar variadas temporariedades, condicionadas ao perfil da conclusão que se pretenda, à metodologia utilizada, às competências constituídas no ensino médio, às competências adquiridas por outras formas, como nos Cursos Técnicos, nos Cursos Superiores e mesmo no Trabalho, ainda que o curso possa apontar para uma carga horária definida para cada modalidade, por área profissional.

Estas áreas profissionais foram delimitadas através do parecer CNE/CES 436/2001 publicado no Diário Oficial da União de 06/04/2001.

Segundo dados do Censo de Educação Profissional (MEC, 1999), a rede de educação profissional e tecnológica é composta de 3.948 instituições de ensino, sendo 67,3% mantidas pelo setor privado e 32,7%, pelo setor público. O setor privado compreende diferentes tipos de entidades: o Sistema S (Sesi, Senai, Senac), as entidades de ensino profissional livre e organizações da sociedade civil, como sindicatos de trabalhadores, de empresários, ONGs, associações comunitárias leigas ou confessionais.

Os cursos tecnólogos apresentam a vantagem da obtenção da formação de nível superior em curto prazo, dando subsídios para a entrada no mercado de trabalho dentro da área de interesse do estudante, porém apresentam a desvantagem de estarem limitados a somente alguns perfis profissionais. Caberá ao aluno dar prosseguimento a sua carreira e atualizar-se através de uma pós-graduação ou mesmo realizando a graduação tradicional para desen-

volver-se plenamente dentro de sua área de atuação.

4. Corretor de Imóveis

Segundo o site do CRECI-SP (Conselho Regional dos Corretores de Imóveis de São Paulo), o primeiro Sindicato de Corretores de Imóveis a ser reconhecido foi o do Rio de Janeiro, em janeiro de 1937. Só em 1956 o Sindicato dos Corretores de Imóveis apresenta uma proposta para formação de curso técnico. Em 12 de maio de 1978, foi sancionada pelo então presidente Ernesto Geisel a Lei nº 6.530, que deu nova regulamentação à profissão de corretor de imóveis – tendo em vista que a Lei nº 4.116/62 foi julgada parcialmente inconstitucional e teve de ser revogada, uma vez que não especificava o currículo de um curso técnico para a formação dos que viriam a ingressar na profissão. Era na ocasião Ministro do Trabalho Arnaldo da Costa Prieto, que havia participado do IX Congresso de Corretores de Imóveis, na capital paulista, em maio daquele ano. Cerca de 1.500 profissionais do setor haviam apresentado então, ao ministro, a reivindicação de reenquadramento dos corretores. O Decreto nº 81.871, de 29 de junho de 1978, regulamentou a Lei nº 6.530/78 – que disciplinou também o funcionamento dos órgãos responsáveis pela fiscalização do exercício da profissão.

O Cofeci (Conselho Federal dos Corretores de Imóveis de Brasília) – é o órgão federal que representa e regulamenta a profissão de corretor de imóveis no Brasil. O Cofeci é representado nos estados pelo Creci (Conselho Regional dos Corretores de Imóveis). O Creci é uma Autarquia que tem a finalidade de fiscalizar e disciplinar o exercício da intermediação imobiliária, de modo a coibir as práticas antiéticas e ilegais.

Antes da Lei Federal 6.530, qualquer pessoa podia exercer livremente a profissão de corretor de imóveis, bastando que algum cliente lhe confiasse a compra, venda ou locação de um imóvel.

Com a aprovação da chamada Lei dos Corretores de Imóveis, aprovada em 1978, a profissão passa a ser regulamentada e os profissionais foram reunidos nos Conselhos Regionais, entidades normalmente instaladas nas capitais dos Estados e responsáveis pela fiscalização do exercício da profissão.

Hoje, o corretor de imóveis está ainda mais preparado para o mercado uma vez que tem a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos no curso superior de Gestão Imobiliária.

- Certificado de Aprovação no Exame de Proficiência
- Formação escolar de nível médio (antigo 2º grau)
- Formação no curso de Técnico em Transações Imobiliárias
- Opção pelo curso de Ciências Imobiliárias ou Gestão Imobiliária
- Inscrição no Conselho Regional de Corretores de Imóveis

5. Comparativo entre os dois formatos de cursos

Fator	Curso Técnico em Transações Imobiliárias	Curso Tecnológico em Gestão Imobiliária
Modalidade	Educação a distância	Presencial
Carga Horária	800 horas	1600 horas
Nº de disciplinas	9 (nove)	25 (vinte e cinco)
Estágio Supervisionado	130 horas	Não obrigatório
Investimento Médio Mensal	R\$ 130,00	R\$ 300,00
Investimento Médio Total	R\$ 800,00	R\$ 7.200,00

Tempo para Conclusão	Mínimo: 2 meses Médio: 6 meses	2 anos
Principais Vantagens	Flexibilidade de tempo Valor reduzido	Titulação de nível superior Maior carga horária
Principais Desvantagens	Formação mais enxuta Titulação de nível médio	F r e q ü ê n c i a presencial Investimento financeiro alto

O perfil do profissional desta área, em sua maioria, é de pessoas já adultas e de meia idade, já atuantes na profissão e que deixaram os estudos há muitos anos. Tal perfil colabora para a opção pelo curso técnico a distância, pois estes alunos acabam tendo dificuldades em se readaptarem à rotina escolar e também dificilmente dispõem de tempo livre para as atividades escolares presenciais.

Os cursos tecnólogos estão iniciando e ainda não há indicadores de desempenho dos profissionais formados neste nível superior, segundo as faculdades que o oferecem a demanda é pequena, tanto que algumas abriram o processo seletivo, porém não iniciaram turmas por falta de inscritos.

6. Considerações Finais

Comparando os dois cursos oferecidos ao futuro profissional da área de corretor de imóveis, podemos perceber que ambos primam pela qualificação e pela preparação para o desenvolvimento de suas funções no mercado de trabalho. O curso tecnólogo apresenta uma maior carga horária (1600 horas, exatamente o dobro do curso técnico) e conseqüentemente consegue aprofundar temas e desenvolver mais a questão técnica junto a seus alunos, porém analisando o ementário de suas matérias percebe-se ainda que não haja grandes diferenças quanto à preparação para o mercado de trabalho. O curso técnico prima mais pela qualificação prática, fornecendo subsídios para o corretor efetivamente atuar em uma imobiliária ou de forma autônoma, visto que apresenta em seu conteúdo programático formas e métodos de trabalho usuais do dia-a-dia da profissão.

Por ser mais rápido, o curso técnico ainda consegue agregar profissionais que já se encontram no mercado, porém atuando de forma irregular e que precisam urgentemente regularizar sua situação funcional junto ao órgão de classe, pois senão acabam autuados e sendo multados pelo exercício ilegal da profissão.

Somando-se a estes aspectos a questão financeira também tem fator preponderante frente a opção pelos dois modelos de ensino, enquanto o curso técnico gira em torno de R\$ 800,00 de investimento total, o de nível superior tem investimento médio de R\$ 7.200,00 somente em mensalidades, sem incluir materiais didáticos.

Baseado nestas considerações tende-se a concluir que o curso tecnólogo deva continuar existindo, porém tende a se tornar uma opção de aperfeiçoamento do profissional bem sucedido na área e já formado no curso técnico, que pretenda ampliar seus horizontes e se qualificar melhor ao mercado de trabalho, sendo procurado também por profissionais que pretendam desenvolver cursos de capacitação aos funcionários de sua empresa que tenham o certificado em nível médio ou ainda como forma de oferecer serviços de treinamento autônomos. O curso técnico deverá, portanto, continuar sendo a melhor opção para o profissional que já atua na área e que precisa regularizar sua situação funcional e para os aspirantes à profissão que desejam conhecer este ramo de trabalho, mas que não tem certeza se vão se adaptar a ele.

Concluindo, acredito que o curso de nível superior veio para ser uma nova opção para capacitar o corretor de

imóveis, porém não deverá, pelo menos em médio prazo, substituir o curso técnico em EAD pelas razões apresentadas neste trabalho.

7.Referências Bibliográficas

PETITAT, André, (Produção da escola/ Produção da sociedade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, para o caso europeu, e FONSECA, Celso Suckow da. História do Ensino Industrial no Brasil. Rio de Janeiro: SENAI/DN, 1986. 5 v

PERO, Valéria. Terciarização e qualidade do emprego: uma análise da região metropolitana de São Paulo no início dos anos 90. ILDEFES, São Paulo, n. 8, jul., 1995

LOBO NETO, Francisco José da Silveira - Texto: Regulação da educação a distância: caminhos e descaminhos, 2003

Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância ABRAED – 2013, Instituto Monitor Ltda. São Paulo – 2013

GUTIERREZ F. e PRIETO, D. A mediação pedagógica – educação a distância alternativa. Papyrus Editora. Campinas, 1994.

POZO, J. I., Teorias cognitivas da aprendizagem. 3. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1998

A relação entre Harry Potter, contos maravilhosos e a formação de leitores

¹Elisa Binelli, ¹Eugênio Alves de Oliveira, ¹José Eduardo P. Razuk

¹Universidade Ibirapuera

Av. Interlagos, 1329, Chácara Flora – SP

elisa.binelli@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por finalidade analisar o sucesso de vendas dos livros da saga Harry Potter. Para tanto, em primeiro momento, faz-se a discussão acerca da narrativa fantástica e sua historicidade desde o lançamento de seu primeiro livro. O objetivo é identificar através do processo histórico de vendas o que Harry Potter possui para agradar a tão grande público infantojuvenil de leitores, problematizando os elementos místicos contidos nela.

Palavras-chaves: Literatura Fantástica, Harry Potter, Literatura Infantojuvenil.

Abstract

This article has to analyze the success of sales of books in the Harry Potter's saga. Therefore, in the first moment, it is the discussion about the fantastic narrative and its historicity since the release of his first book. The goal is to identify through the historical sales process that Harry Potter has to please so great young adult audience of readers, discussing the mystical elements in it.

Keywords: Fantastic Literature, Harry Potter, Young adult Literature.

1. INTRODUÇÃO

Num dia aparentemente comum, Joanne Kathleen Rowling escreve as primeiras palavras de um livro em um café em Edimburgo, na Escócia, em busca do seu sonho de ser escritora. É o início do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, que após várias reviravoltas na vida da escritora e muitas recusas de editoras, foi lançado em 21 de julho de 1997 pela Bloomsbury e convertido no primeiro livro da série que se transformaria num dos maiores sucessos do mercado de livros infantojuvenis em todo o mundo.

No primeiro livro, o público infantojuvenil é rapidamente cativado pela história de um jovem bruxinho que teve seus pais terrivelmente executados pelo personagem antagonista, o temido bruxo das trevas Lorde Voldemort, e que desde então é obrigado a viver com seus tios trouxas em uma estrutura familiar opressora em que Harry não recebe nenhum afeto e é submetido a ocupar como dormitório um velho armário debaixo da escada, sem saber de sua verdadeira origem, até que acontecimentos começam a pôr à prova as mentiras de sua família e finalmente seu guardião, Hagrid, aparece e lhe conta toda a verdade, apresentando a Harry um fabuloso mundo mágico.

Desde então, os livros da saga tornaram-se best-sellers. Juntos venderam mais de 600 milhões de cópias, sendo traduzidos para os mais diversos idiomas, fazendo sucesso entre jovens leitores de todas as culturas e crenças, criando laços invisíveis entre os que ao longo da trajetória de sete livros viriam a ser chamados de Potterheads. Um sucesso tão gigantesco que resultou na transposição da obra para o cinema, numa coleção de oito filmes, a série cinematográfica de maior bilheteria de todos os tempos.

Mas qual a fonte deste sucesso? Porque a literatura fantástica deste universo mágico conquistou e continua conquistando tantos leitores no Brasil e em vários outros países? Será que os contos de fadas estão ganhando espaço novamente, contrariando pressupostos literários da contemporaneidade?

Para procurar responder estas e outras questões relacionadas a esse fenômeno, apresentamos essa análise, fundamentada principalmente numa analogia aos estudos de Vladimir Propp presentes na obra *Morfologia do Conto Maravilhoso*.

Para esta compreensão, viajamos nas histórias da saga e procuramos resgatar os pontos que fazem com que Harry Potter e seus amigos sejam esse grande sucesso e estabelecemos o que os jovens de hoje têm em comum com essa narrativa fantástica.

2. A RELAÇÃO ENTRE HARRY POTTER E OS CONTOS MARAVILHOSOS

Originalmente voltados ao público adulto, a partir da descoberta da infância (ARIÉS, 1981, p. 11), os contos de fada passaram a sofrer adaptações para que contemplassem as necessidades do universo infantil e sua vida imaginária. Para tanto se configuravam em artifícios fascinantes à fantasia infantil.

Os contos maravilhosos se originam no inconsciente, comum a todo ser humano e pertencem ao mundo arquetipo, ou seja, há um grupo de imagens e símbolos ancestrais, que juntos formam o inconsciente coletivo de determinado povo, se revelando também na forma de lendas e tradições populares. Por este motivo, os temas ressurgem de maneira evidente em países geograficamente muito distantes e em diversas épocas com poucas variações. (PROPP apud N. SILVEIRA, 1981, p. 11).

Segundo o etnólogo Vladimir Propp no livro *Morfologia do Conto Maravilhoso*, de 1929, há algumas características comuns aos contos maravilhosos, onde as ações dos personagens são funções que determinam a narrativa e essa teoria se encaixa também na saga Harry Potter.

O importante não é o que eles [personagens] querem fazer nem tampouco os sentimentos que os animam, mas suas ações em si, sua definição e avaliação do ponto de vista de seu significado para o herói e para o desenvolvimento da ação. [...] os sentimentos do mandante podem ser hostis, neutros ou amistosos, isto não influirá no desenvolvimento da ação. (PROPP, 2006, p. 79)

Nessa linha de pesquisa, Propp estabeleceu 31 funções narrativas das situações dramáticas, que aparecem como invariantes nos contos maravilhosos. Apresentamos abaixo a relação dessas funções

e suas respectivas identificações e correspondências com a história de Potter:

1. **DISTANCIAMENTO:** um membro da família deixa o lar; Os pais de Harry morrem quando ele ainda tem poucos meses de idade e o menino bruxo é deixado com seus tios.
2. **CULPA:** o vilão causa algum mal a um membro da família do herói; O bruxo Lorde Voldemort aniquilou a parte mágica da família de Harry e ao longo da trama, com suas crueldades contra a comunidade mágica, prejudica muitos bruxos próximos ao protagonista.
3. **IGNOTO:** o herói chega incógnito em casa ou em outro país; Potter é destinado a morar com os tios, ainda bebê, sem saber de seu destino no mundo bruxo, sem saber ao menos que a magia existe.
4. **SINAL:** o herói é assinalado ganhando uma cicatriz, ou marca, ou ferimento. A cicatriz em forma de raio é marca registrada de Harry Potter, “O Menino que Sobreviveu”. É uma lembrança de que Harry Potter é o único bruxo que sobreviveu a um ataque do temido vilão, mais conhecido no início da série por Você-Sabe-Quem. Pelo fato de ser tão temido, muitos bruxos não ousam sequer pronunciar seu verdadeiro nome, Voldemort.
5. **PROIBIÇÃO:** uma interdição é feita ao Herói; Harry mora num armário embaixo da escada da casa de seus tios, não conhece sua verdadeira história, é obrigado a fazer tarefas domésticas e é constantemente excluído das atividades familiares, gerando muita frustração ao garoto.
6. **INFRAÇÃO:** a interdição é violada; O protagonista ao sair num raro passeio junto da família à um zoológico e desejando castigar seu primo Duda que o irritou, usa poderes mágicos que até então desconhecia para libertar uma cobra e atirá-la contra o primo.
7. **FORNECIMENTO DE MAGIA:** o Herói adquire magia ou poderes mágicos; Harry se descobre um bruxinho poderoso, logo no início do primeiro livro. Seus poderes são herdados de seus pais, Lílian e Tiago Potter que morreram protegendo seu filho de um ataque do vilão da saga, Voldemort.
8. **INVESTIGAÇÃO:** o Vilão faz uma tentativa de aproximação ou reconhecimento; Já no primeiro livro da série, Lorde Voldemort se aproxima de Harry para tentar se apossar da Pedra Filosofal, sem saber da importância dele em seu futuro.
9. **DELAÇÃO:** o Vilão consegue informação sobre a vítima; Ao se reencontrar com Harry, cujos pais, assassinou cruelmente no passado, o Lorde das Trevas acaba conhecendo alguns dos pontos fracos de sua possível vítima.
10. **ARMADILHA:** o Vilão está traiçoeiramente disfarçado para tentar ganhar confiança; Em A Câmara Secreta, o vilão Voldemort usa um antigo diário para se aproximar primeiro de Gina Weasley, irmã de Rony, o melhor amigo de Harry, para que a menina possa abrir a câmara secreta e libertar a Escola de Hogwarts dos sangues-ruins, e dos mestiços. E também se aproxima do próprio protagonista, que se vê envolvido nas lembranças de Tom Riddle, nome utilizado por Voldemort quando este ainda frequentava Hogwarts.
11. **CONVIVÊNCIA:** a vítima deixa-se enganar e acaba ajudando o inimigo involuntariamente; Em O Cálice de Fogo, Harry acaba participando do Torneio Tribruxo, no qual nem sequer havia se inscrito, onde tem de enfrentar Voldemort, que já tramava sua morte.
12. **MEDIAÇÃO:** o infortúnio ou a falta chegam ao conhecimento do Herói (ele é enviado a algum lugar, ouve pedidos de ajuda etc.); Harry ajuda os mais fracos em todos os filmes da série, chegando até a ensinar feitiços defensivos aos alunos de Hogwarts, em A Ordem da Fênix, dando origem ao grupo intitulado Armada de Dumbledore.
13. **CONSENSO / CASTIGO:** o Herói recebe uma sanção ou punição; No sexto livro da saga Harry é julgado em tribunal por ter usado magia fora da escola, prática proibida para alunos menores de idade, porém como não era realmente culpado ele escapa da punição com a ajuda de Alvo Dumbledore, diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e protetor de Potter.
14. **PARTIDA DO HERÓI:** o Herói sai de casa; Há duas cenas de partida: a primeira onde Harry é resgatado da casa dos tios por Hagrid, que o apresenta ao mundo mágico. A segunda, onde o herói parte às pressas do casamento de um amigo para fugir de Comensais da Morte, passando a viver em diversos esconderijos com Rony e Hermione, os seus principais amigos e aliados.

3 - Como são denominados os humanos normais, os personagens não bruxos da história.

4 - Bruxos que nasceram de pais não-bruxos, ou seja, de pais trouxas, como são mais conhecidos na série.

5 - Bruxos nascidos da união de um bruxo puro sangue e um não-bruxo, filho de um mestiço e um “sangue-ruim”, ou ainda filhos de um casal de mestiços.

6 - É um campeonato entre escolas de magia, no qual é selecionado um representante de cada uma das três escolas participantes através do Cálice de Fogo. Os campeões realizam, ao longo do ano, três tarefas diferentes, sendo que ao final apenas um deles será o grande vencedor.

- Grupo de bruxos liderados por Lorde Voldemort.

15. SUBMISSÃO/PROVAÇÃO: o Herói é testado pelo Ajudante, preparado para seu aprendizado ou para receber a magia; Em O Enigma do Príncipe, Harry é treinado por Alvo Dumbledore, o diretor de Hogwarts para ser capaz de derrotar o Lorde das Trevas, e por Snape, seu professor, que o ensina a bloquear sua mente do domínio de Voldemort.

16. REAÇÃO: o Herói reage ao teste (falha/passa, realiza algum feito, etc.); É imposto ao herói destruir uma Horcrux de Voldemort, mas o objeto é falso e a jornada de busca deixa Dumbledore, seu mentor, entre a vida e a morte.

17. TRANSFERÊNCIA: o Herói é transferido ou levado para perto do objeto de sua busca; Em várias situações Harry é levado inconscientemente para perto do vilão e dos objetos que procura, principalmente no último volume da série, As Relíquias da Morte, onde o herói está em busca dos objetos que poderão destruir o Lorde das Trevas.

18. CONFRONTO: o Herói e o Vilão se enfrentam em combate direto; Há vários combates entre Potter e Voldemort ao longo da série, mas o maior acontece em As Relíquias da Morte.

19. PERSEGUIÇÃO: o Herói é perseguido (ou sofre tentativa de assassinato); Em toda série, o vilão persegue o herói, manda matá-lo e até mesmo invade sua mente através da Legimência .

20. SALVAÇÃO: o Herói se salva, ou é resgatado da perseguição; No começo da vida de Harry, ele é resgatado pela Ordem da Fênix, grupo que luta contra o mal e o caos causado pelo terrível vilão Voldemort, e é levado para a casa dos tios para viver em segurança. Anos depois, a Ordem da Fênix o resgata novamente o levando para A Toca, casa da família Weasley, que é protegida por vários encantamentos. Os Weasley são a família de Rony, o melhor amigo do protagonista.

8 - Horcruxes são feitiços proibidos, ativados assim que o bruxo mata alguém e insere em objetos, uma

parte de sua alma, não podendo ser completamente aniquilado antes da destruição da horcrux.

9- Capacidade mágica de ler mentes.

3. A NARRATIVA FANTÁSTICA, A ORIGEM DAS BRUXAS E O MUNDO MODERNO

“Todos temos luz e trevas dentro de nós.
O que nos define é o lado com o qual
escolhemos agir.”

J. K. Rowling,
In Harry Potter e a Ordem da Fênix

A literatura fantástica é uma narrativa produzida pelo imaginário, numa dimensão supostamente irreal e inexistente, isso se deve porque este tipo de literatura se alicerça no mundo real, como qualquer outra, mas percorre um caminho de acontecimentos míticos, fantasiosos e improváveis ao cotidiano humano.

Esse gênero surgiu, como afirma VOLOBUEF (2000, p.109), de romances que davam vazão ao suspense e que foram se transmutando ao longo dos séculos e que a partir do século XX passou a uma narrativa mais sutil e complexa, abordando temas inquietantes para o homem.

Podemos concluir então, que a literatura fantástica como a conhecemos atualmente “não cria mundos fabulosos, distintos do nosso e povoados por criaturas imaginárias, mas revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos do dia-a-dia” (VOLOBUEF, 2000, p.110).

Rowling acertou em cheio na receita de Harry Potter, com os ingredientes perfeitos: uma mistura de magia, fantasia, temas antigos e contemporâneos, universos que coexistem, o bem e o mal retratados sob várias formas, combinados em uma escrita genial e com acontecimentos muito bem entrelaçados.

O fato de a cultura europeia ter sido amplamente difundida no último século, bem como esclarecimentos relativos há quem eram as bruxas e ao período de caça às bruxas, também contribuiu para maior aceitação da história em diferentes culturas, apesar de algumas ainda resistirem.

O Dia das Bruxas teve origem com os povos Celtas, que acreditavam que no início do Samhain, o antigo Ano Novo celta, era possível se comunicar com os mortos, que nesta data podiam andar entre os vivos. Para representar o sobrenatural contido nesta data, eles usavam trajes com partes de animais aba-

tidos e posteriormente, ofertavam comida, como que para acalmar os ânimos dos visitantes desencarnados desse mundo.

No século IX, com a expansão do cristianismo pela Europa, o papa consagrou o dia 1º de novembro para a celebração de todos os santos, para tentar acabar com a festividade pagã, deu-se origem a partir de então o Halloween, derivado de all hallows eve, que traduzido para o português quer dizer “véspera do dia de Todos os Santos”.

Foi também neste mesmo século, sob as influências cristãs, que se afixaram as bruxas nesta comemoração, que eram mulheres horrendas que usavam a magia para fazer o mal. Porém, na cultura celta, as bruxas era mulheres aparentemente comuns, com muito conhecimento sobre plantas e ervas e que usavam esses saberes de maneira terapêutica, integrando pacificamente a comunidade, conforme afirma o historiador Jeffrey Burton Russell, da Universidade da Califórnia, EUA, para a Revista Mundo Estranho:

Ideias falsas sobre as bruxas persistem até hoje. Jamais existiu qualquer culto de bruxas, envolvendo deusas, demônios ou deuses ancestrais e as pessoas suspeitas de serem bruxas nunca tiveram conexão com religiões pagãs antigas.

Com a miscigenação de culturas, a globalização e a influência do gênero terror, tanto em livros quanto em filmes, o Halloween acabou se tornando uma festa divertida, que acontece no dia 31 de outubro até hoje principalmente nos EUA e na Grã-Bretanha, que deixou de ser pagã e se tornou uma celebração em família, onde todos se fantasiam, decoram casas e crianças pedem doces.

O que se sabe atualmente é que as bruxas não tinham poderes mágicos e tampouco os usavam para o mal, muito pelo contrário, elas buscavam substâncias curativas para ajudar aos outros. Num contexto de mudança radical para o cristianismo, essas pessoas foram caçadas, perseguidas pela igreja, condenadas pela sociedade de forma arbitrária e julgadas cruelmente, criando mitos que perduraram por várias gerações.

Harry Potter então resgatou um pouco dos costumes antigos propriamente dos bruxos, bem como características atribuídas a eles ao longo dos séculos, como voar de vassoura, usar varinhas mágicas, conhecer o poder das plantas e preparar poções. Mas com um diferencial, na história de Rowling é passado um ensinamento valioso: Seja bruxo ou não, o

que prevalece são suas escolhas, seu caráter e seus valores.

4. MUNDO MÁGICO DE HARRY POTTER VERSUS MUNDO REAL

“A literatura antecipa sempre a vida. Não a copia, amolda-a aos seus desígnios”.
Oscar Wilde

Desde A Pedra Filosofal, o leitor mergulha numa aventura fantástica, que ao ser analisada com certo critério, podemos verificar ter valores morais, éticos e um sentido de realismo que vai além do mundo mágico, que envolve o público e faz com que o leitor, ouvinte ou expectador seja rapidamente envolvido no contexto da narrativa.

A verossimilhança, ou seja, a impressão da realidade encontrada nessa obra é fator fundamental para o sucesso da mesma. Não podemos encontrar no universo exterior aos livros da série escolas de magia e bruxaria, varinhas mágicas ou vassouras de voadoras, mas podemos encontrar a amizade, o amor e a rotina fundamental de um ser humano que tem defeitos e qualidades, fatores que são retratados de forma verossímil.

Ao se deparar com o mundo mágico, o protagonista se surpreende com tudo, desde os animais, como corujas que levam correspondências, passando pelas varinhas, vassouras e caldeirões até as passagens mágicas e os incríveis poderes que os bruxos possuem. Porém uma das causas de sua surpresa não se deve a nenhum elemento propriamente mágico: Harry é famoso por ser o único sobrevivente de um ataque do Lorde das trevas, ele é o “Menino que sobreviveu”.

Num pequeno intervalo de tempo, Harry conhece um pouco mais de suas origens, quem eram seus pais realmente, como havia ido parar na casa dos tios Dursley e como era a escola para a qual ingressaria dentro de pouco tempo.

Depois da compra dos artigos de uso escolar no Beco Diagonal, um dos maiores mercados de compra bruxo, o jovem está pronto para embarcar no Expresso de Hogwarts, que sai da plataforma 9 3/4, em Londres, porém se vê perdido, sem encontrar o local, é nesse momento que surge a família Weasley, indicando o caminho certo à Harry. Nasce então uma despreziosa amizade entre Harry Potter e Rony Weasley, se juntando a eles pouco depois, na cabine do trem a inteligente e estudiosa Hermione Granger.

Fazendo um paralelo desse início da saga com o início da vida escolar de uma criança comum podemos descobrir diversas semelhanças. Assim como em Harry Potter, a vida escolar se inicia com uma série de descobertas: a primeira ida à uma livraria em busca dos livros escolares, os primeiros amigos, a busca pela própria identidade. É um novo universo sendo descoberto dia após dia, assim como o mundo mágico é para um bruxinho inexperiente.

Segundo CALDIN (2004) o conto corrobora a introspecção, pois, através dele, há a possibilidade de se pensar sobre os próprios sentimentos e faz com que o leitor/ouvinte passe a nutrir a esperança de que seu sofrimento, assim como dos personagens do conto, venha a ser passageiro. Essa introspecção através da literatura, cativa as emoções do leitor ou ouvinte e tem a capacidade de libertá-las.

Deixar para trás os Dursley faz com que Harry se sinta mais livre para buscar seu caminho e ser quem ele realmente é, assim como acontece com as crianças quando saem do ambiente familiar para a escola. No caso de Harry e de muitos jovens da vida real, eles não são aceitos em casa, nosso protagonista por ter sangue mágico correndo nas veias, outros por serem homossexuais, ou por não atenderem às expectativas ou se sentem abandonados por pais cada vez mais ausentes, como explica a psicóloga Fernanda Roche em entrevista, do Espaço de Desenvolvimento Criança em Foco: “Ingressar na escola pela primeira vez é um divisor de águas na vida da criança. Ela parte de uma fase de relação de dependência quase absoluta dos pais para um processo de socialização e independência”.

A partir do momento do ingresso na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts há o momento da escolha da casa, as casas em Harry Potter são como as fraternidades - na qual o aluno irá passar todos os seus dias do ano letivo, que é realizada com a ajuda do Chapéu Seletor, que averigua o potencial de cada ingressante quando é colocado na cabeça e indica uma das seguintes casas: Corvinal, Griffnória, Lufa-Lufa ou Sonserina. Harry não sabe o que o destino reserva para ele, porém de uma coisa ele tem certeza: Não quer ir para Sonserina (conhecida como uma casa que forma muitos bruxos das trevas) e pede com muito afincado para que não seja enviado para lá.

Já na vida real, muitas vezes nos vemos em situações semelhantes e desejamos com todas as forças não termos que seguir determinados camin-

hos, como ir para uma escola nova, mudar de cidade, fazer alguma atividade por obrigação, ou até mesmo estar em determinado local que é frequentado por pessoas não amigáveis. Em qualquer momento de nossas vidas sendo na infância, adolescência ou vida adulta, fazer algo que não queremos, nos deixa em pânico seja em São Paulo, Nova Iorque, Madri ou Hogwarts, por isso se torna tão real, um sentimento tão palpável tem o poder de transportar o leitor para qualquer dimensão.

A ficção é produto da imaginação criadora, embora, como toda a arte, suas raízes mergulhem na experiência humana. Mas o que distingue das outras formas de narrativa é que ela é uma transfiguração ou transmutação da realidade, feita pelo espírito do artista, este imprevisível e inesgotável laboratório. A ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma reinterpretação, uma revisão. É o espetáculo da vida através do olhar interpretativo do artista, a interpretação artística da realidade. (COUTINHO, 1976. p.30)

As semelhanças entre a vida real e a ficção são inúmeras e ao mesmo tempo que esse universo mágico nos proporciona uma fuga da nossa realidade, também nos leva de encontro há emoções e reflexões semelhantes às do nosso cotidiano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os pontos analisados neste artigo fica claro que a saga Harry Potter contém muitos traços característicos dos contos de fada, o que contribui muito no tamanho da dimensão de alcance do público, pois envolve muito a questão do inconsciente e imaginação presentes historicamente na vida do ser humano.

A cultura acerca dos bruxos e da própria magia que vem sendo construída ao longo dos séculos ganhou uma nova roupagem através da criação de J. K. Rowling, de modo que constrói não só um bruxo ou bruxa que usa seus poderes para o bem ou o mal, mas, acima de tudo, pessoas fazendo escolhas e tecendo seu caráter. Isso deixa para trás aos poucos um grande preconceito que havia até então, principalmente por parte de religiosos.

O fato de a narrativa tecer um paralelo com o cotidiano da vida real dos leitores faz com que eles se identifiquem com a obra e, se sensibilizem com

aquilo que é sentido e percebido pelos personagens, proporcionando além de uma espécie de evasão da realidade, também uma libertação dos próprios sentimentos.

Com a literatura podemos mergulhar profundamente no simples ato de ler, nos sensibilizar com o mais belo ou com o pior dos atos humanos, pois nela está contida traços de humanidade que simulam a própria vida e relatam acontecimentos que podem nunca terem existido exceto na mente do próprio autor, gerando direta ou indiretamente o retrato de uma geração por meio do olhar do artista.

Um bom livro reintegra a dimensão humana do leitor, nutre o espírito e estimula a sensibilidade, portanto podemos considerar que pelo fato de a saga Harry Potter ser notoriamente considerada literatura, seus livros contribuem para a formação do leitor de maneira significativa, estimulando o ato de ler, quebrando paradigmas criados ao longo dos séculos, promovendo a liberdade de sentimentos e instigando a imaginação criativa de milhões de leitores ao redor do mundo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. O sentimento da Infância. In: História social da criança e da família. 2ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, p.29- 164, 1981.
- BETTELHEIM, Bruno. A psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- CALDIN, C. F. A aplicabilidade de textos literários para crianças. Encontros Bibbi: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 18, 72-89, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo, Editora Paulinas, 2012.
- COUTINHO, Afrânio. Notas de teoria literária. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1976.
- FECILCAN (Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão), O Gênero literário fantástico: considerações teóricas e leituras de obras estrangeiras e brasileiras. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/PDF/linguistica_letras_artes/09_SILVA_LOUREN%C3%87O.pdf> Acesso em: 26 de abril de 2016
- Gazeta do Povo, A transição do ambiente familiar para o início da vida escolar. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/especiais/guia-de-matriculas/a-transicao-do-ambiente-familiar-para-o-inicio-da-vida-escolar-by6eyn10c0gwdx1lqwm-vw40e>> Acesso em: 10 de abril de 2016.
- INFOESCOLA, Literatura Fantástica. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/generos-literarios/literatura-fantastica/>> Acesso em: 21 de abril de 2016
- MALONE, Aubrey. O universo de Harry Potter de A a Z: o guia não oficial definitivo de toda a série. 2ed, Rio de Janeiro, Editora Agir, 2014.
- Mundo Estranho, Quem eram as bruxas? Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-eram-as-bruxas>> Acesso em: 21 de abril de 2016
- Qual a origem da comemoração do Halloween? Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-a-origem-da-comemoracao-do-halloween>> Acesso em: 21 de abril de 2016
- PROPP, V. I. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2006.
- PEPSICc, Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200009>. Acesso em: 11 de abril de 2016
- Recanto das Letras, A ficção. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1612705>> Acesso em: 17 de abril de 2016
- SMITH, Sean. J. K. Rowling: uma biografia do gênio por trás de Harry Potter. Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2003.
- VOLOBUEF, Karin. Uma Leitura do Fantástico: A invenção de Morel (A. B. Casares) e O processo (F. Kafka). Revista Letras, Curitiba, n. 53, p. 109-123, jun. 2000.

Instruções Gerais - As colaborações devem necessariamente ser inéditas e destinadas exclusivamente à Revista da Universidade Ibirapuera.

As seguintes contribuições serão consideradas para publicação: trabalhos científicos originais, relatos de casos de interesse especial, notas técnicas (comunicações breves), revisões, editoriais (mediante convite dos editores), revisões de livros e cartas ao editor.

Reservam-se à Revista da Universidade Ibirapuera todos os direitos autorais do trabalho publicado, inclusive de tradução, sem remuneração alguma aos autores do trabalho.

Os artigos serão submetidos à revisão pelo Conselho Editorial e pelo Conselho Científico (revisão por pares). A decisão final de aceitação ou rejeição de artigos é tomada soberanamente pelo Conselho Editorial. Artigos serão considerados para publicação no entendimento de que não estejam submetidos simultaneamente para publicação em outra Revista, em qualquer idioma.

Os trabalhos não aceitos pelo Corpo Editorial serão devolvidos aos autores. Os conceitos emitidos nos trabalhos são de responsabilidade exclusiva dos autores, não refletindo a opinião do Corpo Editorial. À Revista reservam-se todos os direitos autorais do trabalho publicado, permitindo, entretanto, a sua posterior reprodução como transcrição e com a devida citação da fonte. A data de recebimento e aceitação do original constará, obrigatoriamente, no final do mesmo, quando da sua publicação. Quando houver experimentos realizados in vivo em homens ou animais, devem vir acompanhados com aprovação do Comitê de Ética que analisou a pesquisa. Os seres humanos não poderão ser identificados a não ser que tenham o consentimento por escrito. Os nomes dos autores devem aparecer apenas na página de título, não podendo ser mencionados durante o texto.

Submissão de Trabalhos - Os trabalhos devem ser apresentados em formato Word for Windows, fonte Arial, tamanho 12, espaçamento 1,5, tinta preta, páginas numeradas no canto superior direito. As páginas devem ser no formato A4, incluindo as referências, ilustrações, quadros, tabelas e gráficos. O número máximo de páginas por artigo é de vinte (20).

Os quadros, tabelas, gráficos e ilustrações devem estar em alta resolução, ser limitados ao mínimo indispensável, identificados e numerados consecutivamente em algarismos arábicos. No corpo do texto deve vir a posição aproximada para sua inserção.

Os trabalhos encaminhados podem ser escritos em português, espanhol ou inglês. Os artigos enviados em português e espanhol devem conter o resumo também em inglês (abstract). Abreviações oficiais poderão ser empregadas somente após primeira menção completa.

Deverão constar, no final dos trabalhos, o endereço completo de todos os autores, afiliação, telefone e e-mail para encaminhamento de correspondência pela comissão editorial.

Deverá constar, ainda, declaração assinada por todos os autores. Modelo segue no final deste arquivo.

Cabeçalho - Título do artigo em português (letras maiúsculas, em negrito, fonte Arial, tamanho 14 parágrafo centralizado).

Apresentação dos Autores do Trabalho - Nome completo, afiliação institucional (nome da instituição de vínculo (se é docente, ou está vinculado a alguma linha de pesquisa), endereço, cidade, estado e e-mail). Em fonte Arial, corpo 12, negrito.

Resumo e Abstract - É a apresentação sintetizada dos pontos principais do texto, destacando as considerações emitidas pelo autor. Para elaboração do resumo, usar no máximo 250 palavras. O resumo deve conter: tema, objetivos, metodologia e a principal conclusão, em português. Também deve estar em espanhol ou inglês.

Palavras-chave e Keywords - O número de descritores desejados é de no mínimo três e no máximo cinco, separadas por vírgula.

O Corpo do Texto - Os originais devem ser digitados em Word, fonte Arial, corpo 11, espaçamento de 1,5 e alinhamento justificado. Eventuais tabelas e ilustrações podem ser inseridas no próprio texto em alta resolução.

Introdução - Deve apontar o propósito do estudo, de maneira concisa, e descrever quais os avanços que foram alcançados com a pesquisa.

Discussão - Interpretar os resultados e relacioná-los aos conhecimentos existentes, principalmente os que foram indicados anteriormente na introdução. Essa parte deve ser apresentada separadamente dos resultados.

Referências e Citações - Citações: as citações podem ser diretas ou indiretas, sempre no mesmo idioma do texto submetido.

Citações diretas, literais ou textuais:

Inseridas no texto: As citações breves (até três linhas) são incluídas no próprio texto, entre aspas, no formato (AUTOR, data, página).

Em destaque: As citações com mais de três linhas aparecem em parágrafo(s) destacado(s) do texto corrido (com recuo na margem esquerda, corpo 11, em espaço simples entre linhas).

Citações indiretas: a fonte também deverá ser citada (AUTOR, data, página) dentro do próprio parágrafo em que estão expostas as ideias do autor ou no fim do mesmo sob forma de nota bibliográfica.

A revista adota as regras de trabalho científico da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

Envio do Material

Acessar o site seer.unib.br

Clicar em Acesso, no menu abaixo do nome da revista

Se for o primeiro acesso, preencher os dados pessoais no item “Não está cadastrado? Cadastre-se no sistema”

Se já estiver cadastrado, basta preencher nome e senha.

Para submeter trabalhos, siga as demais instruções do próprio sistema.

Contato: revista@ibirapuera.edu.br

Revista da Universidade Ibirapuera

Av. Interlagos, 1329 – 4º andar

Campus Chácara Flora

São Paulo/SP 04661-100

(11) 5694-7900

revista@ibirapuera.edu.br

seer.unib.br

Declaração

Título do artigo

O(s) autor(es) abaixo assinado(s) submeto(emos) o trabalho intitulado acima à apreciação da Revista da Universidade Ibirapuera para ser publicado, declaro(mos) estar de acordo que os direitos autorais referentes ao citado trabalho tornem-se propriedade exclusiva da Revista da Universidade Ibirapuera desde a data de sua submissão, sendo vedada qualquer reprodução total ou parcial, em qualquer outra parte ou meio de divulgação de qualquer natureza, sem que a prévia e necessária autorização seja solicitada e obtida junto à Revista da Universidade Ibirapuera. No caso de o trabalho não ser aceito, a transferência de direitos autorais será automaticamente revogada, sendo feita a devolução do citado trabalho por parte da Revista da Universidade Ibirapuera. Declaro (amos) ainda que é um trabalho original sendo que seu conteúdo não foi ou está sendo considerado para publicação em outra revista, quer no formato impresso ou eletrônico. Concordo (amos) com os direitos autorais da revista sobre o mesmo e com as normas acima descritas, com total responsabilidade quanto às informações contidas no artigo, assim como em relação às questões éticas.

Data: ___/___/___

Nome dos autores Assinatura
